

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA  
AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**EDUCAÇÃO INFANTIL NA GUINÉ-BISSAU: “OBSERVAÇÃO E PRÁTICAS NO  
JARDIM INFANTIL DESPERTAR”**

**LUISA PINTO SEMEDO**

**REDENÇÃO – CE**

**2019**

**LUIZA PINTO SEMEDO**

**EDUCAÇÃO INFANTIL NA GUINÉ-BISSAU: “OBSERVAÇÃO E PRÁTICAS NO JARDIM INFANTIL DESPERTAR”**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lucilene Rezende Alcanfor.

**REDENÇÃO –CE**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da UNILAB  
Catalogação de Publicação na Fonte.

---

Semedo, Luisa Pinto.

S471e

Educação Infantil na Guiné-Bissau" observação e praticas no Jardim Infantil Despertar / Luisa Pinto Semedo. - Redenção, 2019. 64f: il.

Monografia - Curso de Pedagogia, Instituto De Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2019.

Orientadora: Profa. Dra. Lucilene Rezende Alcanfor.

1. Guiné-Bissau. 2. Currículo da Educação Infantil. 3. Ensino e Aprendizagem. I. Título

CE/UF/BSCA

CDD 966.5703

---

2019

**CURSO DE PEDAGOGIA**

**DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - MONOGRAFIA**

**FOLHA DE APROVAÇÃO**      **Acarape, 29 de agosto de 2019.**

**Luísa Pinto Semedo**

**Educação Infantil na Guiné-Bissau: “Observação e Práticas no Jardim Infantil  
Despertar”**

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Prof<sup>ª</sup>. Dra. Lucilene Rezende Alcanfor (Orientadora)**

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)**

---

**Prof<sup>ª</sup>. Dra Mighian Danae Ferreira Nunes (Avaliadora)**

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)**

---

**Prof. Dr. Jorge Garcia Basso (Avaliador)**

**Universidade de São Paulo (USP)**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, meu guia e protetor pelo dom da vida e da fé e por iluminar a minha mente e todo o meu caminho de modo a concretizar este trabalho. Ao meu tio, Armindo Francisco Alves por sempre ter me apoiado e me proporcionar tudo que uma pessoa necessitava para uma aprendizagem e minha tia Mônica que sempre acreditou em mim, que um dia vou conseguir, por nunca desistirem de mim, e alguns parentes que me ajudaram.

Aos meus queridos irmãos, William Sanca, Diolinda Sanca, Sinira Sanca, pelo amor, e, carinho e sobretudo, pelo apoio moral: aos meus primos Agatha Jaciara Alves e Armindo Alves Junior, que sigam o mesmo exemplo de modo a contribuírem para crescimento da educação em Guiné-Bissau.

Agradeço a (UNILAB) universidade da integração internacional da lusofonia afro-brasileira, em especial a direção do curso de pedagogia, pela oportunidade de me proporcionar o conhecimento para que eu possa ter um futuro desejado mundialmente pelos jovens.

Agradeço minha orientadora professora, Dra. Lucilene Rezende Alcanfor por assumir este compromisso com muita garra e determinação e responsabilidade, mostrando ser uma verdadeira profissional. Minha eterna gratidão.

Aos meus companheiros de batalhas. Ussai Matilde Câmara, Mamadu Mustafa Bari, Samora Caitano, Samuel Adelino Ié, Afonso Mendes, Arete Mendes, Braima João Fernandes da Silva e Vanuza Tavares a minha madrinha Dayse Maria Vieira e meu padrinho Fará Vaz, Peti Mama Gomes, Delce Costa Barros Cá, Vanuza Oliveira Mendes, Feliz M'wali Sá, Ibuna Gomes Câmara, Velamina Fernando Paulo, João Gomes, pelo convívio e por todo apoio moral e material que sempre me prestaram durante essa caminhada.

A todos os meus colegas residentes, do programa residência pedagógica, meu profundo agradecimento pelos momentos compartilhados.

A todos que tornaram possível a realização desta dissertação, meus profundos agradecimentos!

## RESUMO

A presente pesquisa intitulada — Educação infantil na Guiné-Bissau: “Observação e Práticas no Jardim Infantil Despertar” tem como objetivo pesquisar a educação infantil no Jardim Infantil Despertar, e analisar os modelos educacionais a partir dessa instituição, analisar o PPP (Projeto Político Pedagógico), os métodos e a dinâmica do ensino e aprendizagem entre educadoras e as crianças deste referido estabelecimento escolar, analisar os materiais utilizado através de um olhar crítico, o espaço da escola e as pessoas envolvidas nesta instituição de ensino infantil. Nota-se que a educação infantil na Guiné-Bissau é um fenômeno pelo qual precisamos trabalhar muito, porque as crianças como sendo a base para uma educação e aprendizagem perdem a essência de aprender de acordo com a sua idade, e só com sete anos que às vezes algumas conseguem entrar na escola pela primeira vez e iniciando a sua vida escolar. Com essa pesquisa esperamos poder responder qual a principal origem dos fracassos educacionais na Guiné-Bissau, que até agora não podemos ter uma educação de qualidade e ter uma educação infantil onde a responsabilidade seja totalmente do estado e não das instituições privadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Infantil na Guiné-Bissau; Currículo da Educação Infantil; Ensino e aprendizagem.

## SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	8
Capítulo 1- História da Educação na Guiné-Bissau	13
1.1 Educação colonizadora em Guiné-Bissau	13
1.2 O projeto educacional do Partido Africano da Independência da Guiné-Bissau e Cabo-Verde (PAIGC)	17
1.4 A implementação do novo sistema educacional pelo Partido Africano da Independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde (PAIGC)	21
Capítulo 2- Educação Infantil na Guiné-Bissau	26
2.2 A concepção de orientações curriculares para a educação pré-escolar da Guiné-Bissau	33
Capítulo 3. Jardim Infantil Despertar	36
3.1 - Apresentação do Jardim Infantil Despertar	36
3.2 - Estrutura e Funcionamento do Jardim Infantil Despertar	38
3.2 - Aspectos da Gestão Institucional	39
As mensalidades:	39
Observação na sala das crianças de 5 anos no dia 27 de novembro	43
Observação na sala das crianças de três anos	49
Observação na turma das crianças de dois anos	52
Organização do espaço escolar	54
3.3 O projeto político pedagógico do Jardim Despertar	56
Movimento da escola moderna	57
O Currículo Escolar no Jardim Infantil Despertar	57
4.Considerações Finais	60
5.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	62

## LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

CIEE	Comissão Interdiocesana de Educação e Ensino
CONFHIC	Congregação das Irmãs Franciscana Hospitaleiras da Imaculada Conceição
FCFA	Franco dos Communauté Financière Africaine
FEC	Fundação Fé e Cooperação
JID	Jardim Infantil Despertar
LBD	Lei Bases da Educação
LM	Língua Materna
LN	Língua Nacional
LO	Língua Oficial
MEM	Movimento da escola moderna
OCEPE	Orientações Curriculares para Educação Pré-escolar
PAIGC	Partido Africano da Independência de Guiné e Cabo verde
PALOP	Países Africano da Língua Oficial Portuguesa
PPP	projeto político pedagógico

## 1.INTRODUÇÃO

Um trabalho acadêmico é feito sempre em função do tema escolhido a ser investigado. O tema educação Infantil na Guiné-Bissau “ observação é prática no Jardim Infantil Despertar, foi escolhido com interesse do que podemos pesquisar e com o interesse de analisar os modelos educacionais infantis a partir do Jardim Infantil Despertar.

O Jardim Infantil Despertar situa-se no bairro de Chão de Papel Varela, numa zona urbana do centro de cidade de Bissau, localizado à rua Severino Gomes de Pina, também conhecida como rua 10. O Jardim Infantil Despertar pertence e também é dirigido pela província de Santa Maria, da Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição (CONFHIC). É uma escola privada, sob a tutela da Comissão Interdiocesana de Educação e Ensino (CIEE). Optamos por esse tema por termos nos deparado com uma conjuntura da educação que não compreende todo o território nacional, e por ser uma área que deveria ser da responsabilidade do estado que guineense.

As escolas públicas de educação infantil são raras de se encontrar em Guiné-Bissau, por impossibilidade de ter acesso aos estabelecimentos públicos da educação infantil e as informações que seriam necessárias para realizar a pesquisa. Acabamos por realizar a pesquisa no Jardim Infantil Despertar, tendo em conta as dificuldades encontradas ao longo do percurso para realização deste trabalho. A pesquisa foi pensada para dois (2) Jardins, um jardim público e um jardim privado de pequena infância. Entre tanto, devido aos inúmeros obstáculos e as várias dificuldades encontradas no que diz respeito ao acesso ao estabelecimento escolar no âmbito público, e também ao período de greve dos estabelecimentos públicos, a pesquisa foi feita apenas no Jardim Infantil Despertar.

Deste modo, no dia 26 de novembro do presente ano fui ao Jardim Infantil Despertar para entregar o pedido de autorização para a realização da pesquisa. Eu já conhecia essa escola pois, quando criança, morei na mesma rua em que está localizada essa instituição de educação infantil. Fui recebida pela diretora da instituição, Irmã Eveline autorizou o início das observações que se dariam pelo período de uma semana e que ocorreram entre os dias 27 de novembro a 03 de dezembro de 2019.

Portanto, esse estudo tem como objetivo principal pesquisar a educação infantil no Jardim Infantil Despertar e analisar os modelos educacionais a partir dessa instituição, analisar o PPP (projeto político pedagógico), os métodos e a dinâmica do ensino e aprendizagem entre educadoras e as crianças deste referido estabelecimento escolar, analisar

os materiais utilizado através de um olhar crítico, o espaço da escola e as pessoas envolvidas na instituição do ensino infantil desse Jardim.

Buscando compreender os métodos da educação infantil dentro de um espaço privado, pesquisar e tentar descobrir dentro da instituição os métodos e os modelos educacionais que estão sendo utilizados com as crianças e também analisar a convivência e comportamentos apresentados entre essas crianças com relação aos outros colegas, pois sabe-se que cada uma das crianças vem da sua casa trazendo o que foi ensinado o de casa, ou melhor, a sua educação de base. Como caminho metodológico, a fim de alcançar os objetivos propostos, a pesquisa foi pensada por meio da pesquisa participante que também tem por destaque o tipo de pesquisa onde o pesquisador se torna o próprio sujeito e objeto das suas pesquisas. Também com base nas observações e análise dos documentos encontrados para realizar a pesquisa, que tem por intuito responder às seguintes problemáticas: Quais são os métodos educacionais usados com as crianças no Jardim Infantil Despertar? Como essas práticas metodológicas interferem no dia a dia dessas crianças?

Além do que já foi destacado, anteriormente, lembramos que este trabalho de conclusão do curso (TCC) tem por objetivo pesquisar dentro do Jardim Infantil Despertar a convivência entre as crianças e a relação destas com as educadoras dentro da escola. Não só, do mesmo modo, as pessoas que estão envolvidas nesse espaço escolar.

Neste estabelecimento de ensino da pequena infância, encontra-se as crianças de dois (2) a cinco (5) anos de idade, todos pertencentes a nacionalidade guineense.

Entretanto, para a realização de qualquer trabalho acadêmico encontrei e me deparei com imensas dificuldades pelo caminho para a realização dessa pesquisa que, ao longo da pesquisa foram sendo superadas, principalmente por se tratar de uma instituição de ensino particular e, apesar de não ter tido permissão de acesso a muitos espaços da escola, a observação foi realizada.

Um trabalho acadêmico sempre é feito com a perspectiva de dar respostas à problematização trazida, portanto, esse tema foi escolhido com o interesse de pesquisar e analisar os processos educativos do Jardim Infantil Despertar, relacionamentos e comportamentos entre as crianças e educadoras, e os demais que pertencem a esse estabelecimento do ensino da pequena infância. Optei por esse tema não só pelo fato do fracasso da educação da pequena infância na Guiné- Bissau, que sempre foi a obrigação das instituições públicas, mas sim, pela necessidade de trazer a discussão aprofundada e reflexiva sobre esse assunto que no momento se faz urgente, porque a educação infantil é a base, uma vez que todas as crianças precisam ter o direito de frequentar e ter a educação que é um dever

de estado, ou seja, de construir as escolas e ter uma política educacional, onde as famílias terão a obrigação de colocar as crianças nas escolas. Se cada um fizer a sua parte todas as crianças estarão na escola na idade certa, terão acesso aos conhecimentos que contribuirão para o avanço da sociedade guineense e os demais países do PALOP (Países Africano da Língua Oficial Portuguesa).

A relevância dessa pesquisa se dá por abordar a questão da educação tão abandonada pelo estado da Guiné-Bissau, além desse abandono, existem poucas crianças que frequentam as escolas a partir dos 3 anos de idade tendo em conta a dificuldade financeira existente no seio familiar, pois o estado se responsabiliza pela educação somente a partir dos 6 anos de idade. Eu mesma passei por essa fase de não participação na idade do pré-escolar. É muito pertinente abordarmos essas questões que dizem respeito a educação guineense, inclusive a educação infantil que em vez de ser a responsabilidade do Estado tornou-se responsabilidade das cooperativas escolares e das instituições religiosas privadas.

O que queremos dizer é sobre a necessidade de pensar o que tem sido o processo de socialização das crianças, mas, sobretudo, pensar outras e novas formas de socialização para a produção de novas crianças e outras infâncias no sentido de pensar uma outra forma de educação com crianças pequenas. (ABRAMOWICZ, OLIVEIRA, 2010, p. 47)

A educação de crianças pequenas permite que sejam colocadas em um espaço público, que precisaria ser um espaço não fraternal, fora de espaço doméstico e nem no seio familiar (ABRAMOWICZ, OLIVEIRA, 2010). Almeja-se que este espaço público seja um espaço que admita as experiências diversificadas entre as crianças e esse meio. Seria um espaço que permite a criação, onde serão exercidas diferentes formas de socialização e ação, que não seria possível em espaços familiares. O espaço público permite e possibilita à criança diferentes afeições e novas amizades. É necessário saber aproveitar as possibilidades de acontecimentos que são colocadas na cena pública e na escola. Esta educação permite que a professora esteja profundamente comprometida com a compreensão das falas das crianças.

As crianças ocupam um lugar aparentemente periférico na história em geral, e isso se reflete na dificuldade em encontrar material produzido a partir delas mesmas. Ao mesmo tempo em que não são elas que escrevem sua própria história e nem são elas que registram suas imagens, as crianças têm sua história contada e retratada por outros. E, ao estudarmos a história das crianças, percebemos o lugar protagonista que ocupam, especialmente na função de mediação: entre, por exemplo, o estado e a construção civilizatória no interior da idéia do “povo” e as famílias; durante o século XIX, entre a língua de origem escrava e o português, entre a moral e as regras hegemônicas de higiene, saúde e aquelas que vivem ou viveram em seu cotidiano. (ABRAMOWICZ, OLIVEIRA, 2010, p. 46-47).

De acordo com Abramowicz e Oliveira (2010) para uma educação que almeja fazer diferença é necessário que sua política educacional seja eficiente, precisa sair do lugar do desconhecido. Pois a diferença precisa sair da cena em que foi colocada para ser recolocada no grupo, de forma a criar e produzir fora de um ambiente proporcionado pelas amarras que o prendem, como a ideia de infância ou de um povo, uma espécie de ambiente fora-da-infância, algum leque maior, que jamais se sabe precisamente aonde vai chegar, em que as crianças possam ficar a sós.

Baseando nisso, os currículos a serem trabalhados devem ser diferenciados, tendo em conta as realidades diferentes apresentadas pelas crianças.

Quanto ao caminho metodológico percorrido para alcançar e atingir os objetivos propositados para pesquisa, foi pensada uma investigação qualitativa, feita através de uma observação realizada e também baseada na pesquisa e trabalhos realizados pelos autores que foram abordados ao longo do trabalho, que buscou analisar os processos da educação no Jardim Infantil Despertar.

Tomamos por base desses trabalhos as considerações trazidas por Silva e Lopes (2014) com a temática sobre “A lei de bases do sistema educativo da Guiné-Bissau”, Boto (2012) no seu apoio para entendimento da temática sobre “A liturgia da escola moderna, saberes, valores, atitudes e exemplos”, e os conceitos trazidos por Hampaté- Bâ (1957) sobre tradições vivas. Também as contribuições de Virgínia Cá (2015) sobre língua e ensino em contexto de diversidade linguística e cultural, o caso da educação na Guiné-Bissau trazido por Lourenço Ocuni Cá (1999, 2005,) norteou sobre a política educacional de Guiné-Bissau entre 1957 a 1997, ainda trazemos a cristina Cá (2015) “Formação feminina no Internato de Bor (1933-2011) na Guiné-Bissau: reflexos na educação da sociedade guineense contemporânea”, baseamos no Avelaira & Portugal (2006) onde em sua tese discute o “Projeto melhorar a educação de infância na Guiné-Bissau”,

Baseando na melhor forma da organização do trabalho, estruturamos este trabalho em três capítulos, tendo como primeiro capítulo: *História da Educação na Guiné-Bissau*, com intenção de apresentar o contexto histórico, a estrutura e o funcionamento da educação em Guiné-Bissau e como se encontra atualmente a educação infantil na Guiné-Bissau, e ainda sobre a implementação da educação pelo Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo verde (PAIGC).

No segundo Capítulo *A Educação Infantil na Guiné-Bissau* trago as informações da educação infantil fornecida por LBD, (Lei Bases da Educação) com os objetivos a serem cumpridos e a situação da educação atualmente na Guiné-Bissau.

No nosso terceiro capítulo *Jardim Infantil Despertar* faço uma apresentação do Jardim Infantil Despertar, apresentando o histórico de sua fundação, os métodos do ensino utilizados por esta instituição e como está organizado a sua estrutura e seu corpo docente e discente, a relação dos pais com ao Jardim e o espaço da sua localização.

## **Capítulo 1- História da Educação na Guiné-Bissau**

Nesse primeiro capítulo apresento o contexto histórico, a estrutura e funcionamento da educação em Guiné-Bissau e como está atualmente a educação infantil no país. Também contextualizo a implementação da educação pelo Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC).

A educação infantil é a primeira etapa da educação básica, sendo de grande importância para a criança por constituir as primeiras experiências de ação educativa, externas à família, que ela vivencia. Tendo como finalidade a promoção do desenvolvimento integral dessa criança até os cinco anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, afetivo, intelectual e social (LDB, 1996), a educação infantil precisa cumprir essa missão com o compromisso de tornar essencialmente satisfatórios seus espaços, tempos e ações. (MATOS, RIBEIRO, 2013)

De acordo com Matos e Ribeiro (2013) a educação infantil é a etapa incipiente mais básica para uma aprendizagem da criança, de extrema relevância, porque é nessa idade que a criança arquiteta os principais conhecimentos dos atos educacionais fora e dentro do seio familiar, tendo acesso ao adiantamento total às aparências corporais, aos aspectos psicológicos afetuosos, mental e igualitária até os seus cinco anos de idade. A educação infantil necessita preencher essa missão através das obras que estão de acordo com seus ambientes.

A educação infantil, por ser a primeira fase da escolarização, exige grande atenção e cuidado com relação aos conhecimentos que as educadoras e a família pretendem transmitir para as crianças. Essa fase é a fase de muita percepção que pode deixar sequelas nas crianças. É nesse momento que podemos mostrar e reafirmar a importância de fazer com que a criança viva os momentos registrados da sua história e dos seus personagens e as memórias que devem ser claras ao serem transmitidas, pois a memória representa a capacidade humana de registrar e transmitir tudo que foi ensinado anteriormente, entretanto as crianças guineenses carecem dos ensinamentos das produções, civilizatórias e mentais para diferentes estágios da vida.

### **1.1 Educação colonizadora em Guiné-Bissau**

A escolarização em Guiné-Bissau teve o seu início após o rompimento das barreiras social, histórico e cultura do povo guineense com o modelo da educação que existia da forma

tradicional que permitia o processo de transmissão de geração para geração. Com a invasão europeia, sofreu uma grande ruptura nesses processos de transmissão que permitiu que a educação do colonizador perpetuasse nas sociedades guineenses até os dias atuais.

A educação escolar tem a sua gênese na Guiné-Bissau com a ruptura social, histórica e cultural do povo guineense com modelo tradicional africano de transmissão de conhecimento e de normas de comportamento da sociedade com a chegada dos portugueses rompeu-se a ordem das coisas e foi semeado destriunfo através da chegada dos portugueses a Guiné-Bissau. (OLIVEIRA & OLIVEIRA apud LOPES, 2014, p.5)

De acordo com o invasor português rompia a ordem dos acontecimentos e espalhava o desmoronamento na sociedade guineense para que a implementação da sua base educativa atingisse a toda população, através da humilhação, desavença e maus tratos e opressão ao povo guineense

Na sociedade guineense, nos anos de 147, com a chegada dos europeus, havia uma educação tradicional, onde educavam as pessoas através das convenções com as sociedades que transmitiam o conhecimento através das regras existente dentro dessa sociedade, de acordo com a realidade no próprio meio social e cultural que pertenciam dentro da sociedade guineense. Até então estava tudo sobre controle e bem para o povo guineense. Até que, com a vinda dos europeus, exatamente nos anos de 1471 iniciou, desde então, uma inovação da educação no território guineense dependendo de um novo projeto baseado no nível do plano do invasor. (FREIRE & GUIMARÃES apud LOPES, 2014). Entretanto, para implantar essa nova forma de educação desvalorizavam as ordens da sociedade local e desmoronam tudo o que ao longo do tempo estava sendo construído pelos nativos guineenses, além da forma como eram rebaixados e maltratados sofridos e as explorações que eram feitas pelos portugueses.

Esta mudança ocorrida no seio da sociedade guineense introduziu um novo processo de transmissão de conhecimentos, de saberes e de práticas, até aí socialmente passados de geração em geração por meio de transmissão oral, imitação e participação em cerimônias coletivas. Ocorreu, assim, a institucionalização da educação escolar marcada pela existência de um espaço específico para a realização do processo de ensino-aprendizagem sob uma calendarização do tempo letivo que se exerceria durante um período etário determinado, em edifícios com características próprias chamados de escolas e com base numa relação direta entre educadores e educandos. Rompeu-se com a informalidade e espontaneidade da educação tradicional que caracterizava o país antes da instauração do colonialismo, dando origem a uma educação formal assentado no código da escrita segundo um conjunto de regras, práticas e valores estruturados pela metrópole (Portugal) em função dos seus objetivos – ensinar aos guineenses a melhor forma de os servirem (OLIVEIRA & OLIVEIRA apud LOPES, 2014. p.5).

Com tudo isso que estava passando no meio da população entre os nativos e os europeus, começou o procedimento da inovação e transmissão dos saberes, ignorando tudo que era ensinado na tradição africana, através da oralidade, e como reproduziam para os mais novos sobre os costumes coletivos que precisavam saber para depois poderem transmitir. Portanto, começou a organização da educação no modelo europeu, criando um espaço somente para que as pessoas pudessem receber a educação através dos tempos que eram seguidos pelos calendários que determinavam os tempos que deveriam estudar. Este ainda compreendia as idades diferentes que eram divididas, com todas as particularidades de uma escola, contudo isto permitiu que houvesse uma grande perda de valores dentro da sociedade africana, originando a perda da relação que existia nesse meio entre os professores africanos e os alunos.

Há gestos na escolarização que são inesquecíveis na liturgia da memória. As crianças em fila, a organização do espaço em classes seriadas, a construção de horários para abrigar diferentes matérias e disciplinas do currículo, as interações do professor e dos alunos no espaço da sala de aula, as carteiras enfileiradas, o ponto registrado no quadro negro, tudo isso indicia ações e andanças implicadas no que compreendemos por vida escolar. A representação ritual perpassa a documentação que fala sobre a vida nas escolas e indica claramente, como destaca Fernando Catroga, “o propósito de formar e de gerir os comportamentos”. Há um processo de repetição nos ritos, posto exatamente na dimensão performativa do *script* exigido de seus partícipes. Cabe recordar, todavia, que, se o professor pode ser considerado ator principal do rito pedagógico da escola, o aluno é protagonista involuntário do referido ato. Firma-se, pelo rito, uma pertença partilhada. Formam-se, por tal pertença, elos de comunidade e comunhão. Pode-se, pois, compreender que há um aspecto que abarca a fé, como se o universo simbólico da escolarização viesse regido pelo signo da crença e do cumprimento de expectativas. (BOTO, 2012, p.104)

Segundo Boto (2012) sempre é muito bom termos rituais que possam nos orientar, mas o que tem acontecido ao longo do tempo passou das orientações opressivas, pois os rituais passaram a ocupar um lugar muito alto nas escolas. Existem escolas que se apropriaram dos métodos tradicionais, não estão abertas as novas mudanças metodológicas. Esses rituais às vezes impossibilitam que os alunos processem novos conhecimento, lembrando que o mundo no qual nos encontramos exige de nós um conhecimento atualizado sobre tudo, tanto tecnológico, assim como os antigos que merecem ser aprimorados.

Ainda segundo Boto (2012), na maioria desses gestos da escolarização, que não podemos esquecer, tem a ver com a herança cultural, entretanto, nota-se que hoje em dia a escolarização se encontra em grande avanço pela mudança, pois a grande mudança tem a ver com as dinâmicas que hoje encontramos nas escolas e as formas como as representações

escolares estão representadas. Hoje nas escolas podemos ver que desde representações das cadeiras das salas que estão muito mudadas, e as rodas que se formam hoje nas escolas permite uma interação maior entre os alunos e o/a professor/a, isto mostra que as escolas estão se desapegando dos rituais estabelecidos pelas escolas ao longo dos tempos, permitindo uma maior liberdade de expressão entre o professor e os alunos.

Entende-se que antes da chegada dos portugueses à Guiné-Bissau a sociedade guineense já tinha uma forma de organização da sua sociedade e como educavam as suas crianças e jovens. Essa educação inclusive permitia, ao mesmo tempo, a valorização dos costumes e valores africanos, porque a própria sociedade se encarregava da transmissão dos conhecimentos.

Entre as nações modernas, onde a escrita tem precedência sobre a oralidade, onde o livro constitui o principal veículo da herança cultural, durante muito julgou-se que povos sem escrita eram povos sem cultura. Felizmente, esse conceito infundado começou a desmoronar após as duas guerras, graças ao notável trabalho realizado por alguns dos grandes etnólogos do mundo inteiro. Hoje, a ação inovadora e corajosa da UNESCO levanta ainda um pouco mais o véu que cobre os tesouros do conhecimento transmitidos pela tradição oral, tesouros que pertencem ao patrimônio cultural de toda a humanidade. (HAMPATÉ- BÂ, 1957, p. 169).

Segundo Hampaté-Bâ (1957), perante o mundo moderno que vivemos, a escrita tem predominado muito a oralidade, através dos livros que hoje constituem condição fundamental da herança cultural, mostrando que, ao longo do tempo, foi considerado que os povos sem escrita eram povos sem civilização. De modo afortunado, então principiou com as duas grandes guerras, no entanto, graças ao extraordinário trabalho concretizado por etnólogos determinados a mostrar que a cultura não é somente a que foi escrita, que a história pode ser contada de boca para ouvido, entretanto, houve o grande momento de descoberta dos conhecimentos que podem ser comunicáveis da forma oral que concernem à riqueza cultural.

Oralidade para os africanos foi a forma mais simples que tinham para transmitir seus saberes e conhecimentos perante seus povos. As transmissões orais lhes permitiam conhecer e ter acesso à maioria de valores dos seus antepassados, isso antes dos europeus invadiram a África e concretamente Guiné-Bissau. Com a chegada dos colonizadores desvalorizou-se uma cultura, uma nação e uma sociedade, distribuíram um povo na tentativa de implementar uma nova língua e costumes que não lhes pertenciam, que ninguém entendia ou compreendia. Negaram os africanos e suas raízes, tiraram deles a sua organização social e cultural.

As crônicas das guerras modernas jovens para mostrar que, como se diz (na África), cada partido ou nação ‘enxerga o meio-dia da porta de sua casa’ através do prisma das paixões, da mentalidade particular, dos interesses ou, ainda, da avidez em justificar um ponto de vista. Além disso, os próprios

documentos escritos nem sempre mantiveram livros de falsificação ou alteração, intencionais ou não, ao passarem sucessivamente pelas mãos dos copistas- fenômenos que originou, entre outros as controversas sobre as 'sagradas escrituras' (HAMPATÉ- BÂ, 1957, p. 170).

Para a sociedade africana a oralidade é mais valorizada em relação a escrita, a escrita é considerada uma prática de costumes europeus, pois antigamente na maior parte da África a oralidade tinha mais valor, a oralidade é a forma mais eficaz de se transmitir um conhecimento no meio dos africanos que eram passados de geração a geração, de boca para ouvido, tinha mais valor que qualquer papel escrito, bastava a sua palavra para qualquer que seja, não precisava escrever para reconhecer. Considerando ainda que os documentos escritos não mantêm a veracidade dos fatos que significa que podem ser modificados, enquanto a palavra falada continua valendo. Com a chegada dos europeus essa cultura e modos de viver dos africanos foi mudando e obrigando a terem outros modelos de vida.

A língua portuguesa, por ser uma língua que não é do meio social e cultural guineense, tem feito com que a dificuldade de se expressar provocasse medo entre os guineenses, porque desde que o português se vinculou ao ensino guineense houve a tentativa e grande esforço de falar o português de igual modo como os portugueses, esquecendo-se as origens africanas. Não quero, com esta afirmação, desvalorizar a importância da língua portuguesa, mas mostrar que a oralidade até hoje tem grande valor para os velhos. Apesar dos tempos modernos ter estabelecido alguns padrões tais como a escrita e os meios sociais de comunicação que nos permite esquecer com facilidade a transmissão oral.

## **1.2 O projeto educacional do Partido Africano da Independência da Guiné-Bissau e Cabo-Verde (PAIGC)**

Essa desvalorização da cultura e forma como os africanos ensinavam educação da forma europeia permitiu, em sua maioria, o enfraquecimento da educação guineense que até hoje tem estado a originar o grande retrocesso nas áreas da educação. E essa educação tinha como o principal fator desaffricanizar, transformar o cidadão guineense, torná-lo um sujeito que pensava precisamente igual aos europeus. Pois intencionavam que se os africanos apresentassem ou alcançassem a educação e os modos da sociedade europeia.

A guerra da libertação nacional levada a cabo pelo Partido Africano para a Independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde (PAIGC) derrubou todo o projeto domesticador engendrado pelos portugueses para dominar e transformar uma sociedade marcada pela sua especificidade existencial. Com a proclamação do Estado da Guiné-Bissau pela Assembleia Nacional Popular, a 24 de setembro de 1973, e com o fim da guerra colonial em vista,

nascia para o povo guineense uma nova era cheia de desafios e aspirações políticas e sociais (LOPES, 2014, p.6).

A luta para tornar os guineenses e cabo-verdianos livres, numa guerrilha que durou 11 anos, quando foram libertos e saíram no costume dos europeus, destruiu o projeto imposto pelos portugueses que permitiu que os africanos fossem dominados, e das mudanças feitas na sociedade que já existia, quando foi declarado um país liberto ou independente pela Assembleia Nacional Popular, em 24 de setembro de 1973. Para os guineenses era uma nova fase para as provocações e os desafios com grandes ambições astutas e igualitárias.

Com a independência, era uma nova fase para que os guineenses pudessem voltar ao modelo da antiga educação que a sociedade guineense tinha antes da chegada dos europeus, não tinham mais presença dos europeus para organizar a sociedade de igual forma com a sociedade europeia, e educava-os para esquecerem o que aprendiam sobre a sociedade guineense.

Talvez os guineenses não pudessem voltar com o mesmo modelo da educação que tinham no passado, mas sim precisavam das novas formas de implementações de novos métodos para uma boa educação, que não foi exatamente o que aconteceu durante este ano que o país se tornou independente da colonização português.

O PAIGC, munido da consciência política de que a reconstrução nacional dependia em larga escala do investimento em educação, engajou-se nas necessidades de um país acabado de sair da guerra, extremamente debilitado em termos sociais e educacionais. [...] Os dados afirmam que a Guiné-Bissau chegou a independência com uma taxa de analfabetos de 93, 7% [...] isto porque a educação tinha sido negada a grande maioria da população, os chamados de “indígenas” (FREIRE & GUIMARÃES apud LOPES, 2014, p. 6).

O PAIGC tinha que concordar que, naquele momento, a educação precisava de um grande recomeço em todo o território nacional, com grandes investimentos para alcançar pessoas com formação em nível médios e superior, para ajudarem no país, pois como o país havia saído de um conflito armado, precisavam das pessoas que pudessem contrapor as obrigações que o país precisava por ter saído da guerra no momento e estava afundado em marcos educacionais e sociais com um número muito elevado de analfabetos, de acordo com os dados apresentado por Lopes (2014). Este elevado número foi ocasionado, porque a educação não tinha abrangido toda a população de nativos, tinha algumas pessoas que não tiveram oportunidades de ter uma educação escolar.

Lopes afirma que “à primeira vista, apresenta um panorama equilibrado quanto ao acesso à educação, escondendo a verdadeira realidade dos problemas que atropelam o direito

de todas as crianças à educação” (2014, p. 19). Ainda, de acordo com a *Carta da política do sector educativo*:

Estas tendências [da evolução positiva da cobertura quantitativa do sistema educativo], por reais que sejam não passam de dissimulações de certo disfuncionamento do sistema educativo. Pois que, o acesso à escola não é universal e ainda [...] é acentuada pelas disparidades regionais, do meio e do género. Nas zonas rurais as raparigas têm 2 vezes menos oportunidades de concluir o ensino básico que os rapazes, já em zona urbana as raparigas têm 1,4 menos vezes de oportunidade de concluir os estudos que os rapazes. Em 2010, a disparidade entre os géneros ao nível do acesso à escola situava-se nos 0,94 ratios ao nível do ensino básico e nos 0,73 ratios no ensino secundário. A disparidade entre os géneros é maior ao nível do ensino secundário em que existem menos raparigas a frequentar esse nível de ensino. As raparigas são mais penalizadas no exercício do direito à educação. (LOPES, 2014, p.19).

A condição de ingresso à escola na Guiné-Bissau é muito precária para as crianças, de antemão o cenário aparenta ser muito controlado por uma parte quando se refere à entrada das crianças nas escolas, pois não são todas as crianças que têm acesso à educação, no entanto, os fatos existentes são ocultados, com isso desprezam os direitos das crianças de estar nas escolas. Na Guiné-Bissau a entrada na escola não é para todos, isso ocorre no capital do país e se acentua no interior, existem crianças que nem tem conhecimento da existência da escola.

E por seus pais não terem tido oportunidade de frequentar a escola, a maioria desconhece a importância da escola e deixam as crianças somente em casa para ajudarem nos trabalhos domésticos. Sem falar ainda da desigualdade de gênero existente na sociedade guineense principalmente nas zonas rurais, onde as oportunidades são dadas aos rapazes e às raparigas são inferiormente oportunizadas.

Por isso sempre existiu mais homens nas escolas, pois os homens são educados para irem e estarem nas escolas e as mulheres para serem donas de casa e cuidarem dos filhos. Nesse sentido, os pais se preocupam mais com a educação dos meninos em relação às meninas. Nas *tabancas*, “aldeias”, há crianças que nunca foram para escola, são aquelas que, na maioria dos casos, se casam precocemente.

Após a luta, o PAIGC pensou uma educação com diversas estratégias para implementação das escolas que compreendiam todas as crianças, com a intenção de que todas as crianças fossem para escola, porém, esse projeto fracassou, por diversos motivos. A educação não foi pensada para todos, porque essa educação não chegou às zonas rurais ficando somente nas zonas urbanas. Mesmo assim não abrangia a todos, ocasionando o

fracasso e a impossibilidade de pensar no direito das crianças para uma educação de qualidade.

### **1.3 A Influência da Educação Católica**

Neste tópico pretendo abordar a influências da educação católica deixada pelo português na sociedade guineense. De acordo com resultados trazidos por Cristina Cá, em sua pesquisa de doutorado,

Percebe-se que – desde o começo do século XV, quando se iniciou a peregrinação de Portugueses pela Costa da Guiné, efetivamente nos anos de 1434 até 1533 – os pontos de apoio ou feitorias para comércio e evangelização, criados pelo homem branco da Europa, pelo homem pardo norte-africano e pelo homem preto do trópico, eram muito poucos. Ainda, sobre esse assunto, destaca Cá e Cavalcante (2014), que, contudo, nos séculos seguintes, tivessem aumentado significativamente, não conseguiriam atingir as altas metas de penetração na terra, ao contrário do que havia acontecido no Brasil, onde o clima e os índios ofereceram condições de ocupação crescente ao imigrante europeu. (CÁ, C., 2015, p. 25).

Nota-se que a grande presença da missão católica no território guineense foi de extrema importante desde o século XV, concretamente entre os anos de 1434 a 1533. A obra “Missão católica da Guiné” foi, segundo a pesquisadora, considerada o grande encontro entre os portugueses e os guineenses para desvendar o estudo ofertado por tal, devido à situação climática que não permitia a entrada dos europeus no território guineense, como tem acontecido nas terras brasileiras com grande número de crescimento europeu.

De acordo com Cristina Cá (2015), antes da chegada do visitante, já teve a tentativa das outras missionárias em Guiné, tentando realizar ações missionárias. Como a missão dos jesuítas na costa da Guiné não perdurou por muito tempo, acabou por desamparar a missão em meado dos anos 1617.

Com base na descrição feita, nos primeiros vinte anos de autonomia da Guiné Portuguesa, a Igreja Católica começou sua atuação, mas foi obrigada a interrompê-la, a partir do ano de 1910, quando foi proclamada a República portuguesa e está decretou a expulsão das Ordens Religiosas, o que implicou no encerramento do Colégio das Missões e na perseguição ao clero pela promulgação da lei de separação entre Estado e Igreja em Portugal, que tornou explícito o caráter anticlerical da nova ordem política. (CÁ, C., 2015, p. 30).

A falta dos missionários jesuítas permitiu o fim das escolas religiosas, além disso, suspeitavam que talvez tivesse algo além da ausência dos missionários que impossibilitava a

evangelização em Guiné-Bissau. Ressaltando que a Guiné-Bissau conviveu sob autonomia europeia por vinte anos. Quando a igreja católica principiou a sua ação, teve que terminar em meados dos anos 1910, que teve como objetivo a proclamação da república portuguesa que teve a ordem de expulsar os portugueses na Guiné portuguesa que aconteceu de acordo com a princípio do banimento entre o estado e a igreja.

#### **1.4 A implementação do novo sistema educacional pelo Partido Africano da Independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde (PAIGC)**

Neste tópico, traremos a base da educação deixada pelo colonizador à prática do novo modelo da educação dentro do sistema educacional posto pela PAIGC, com intuito de uma nova educação de acordo com a realidade da sociedade guineense.

Antes da dominação colonial, na sociedade africana tradicional, não havia instituição escolar tal como existe hoje. Porém, a educação compreendia em aquisição de certos conhecimentos e normas de comportamento como em qualquer sociedade. Pela participação na vida do grupo familiar e da comunidade, integrando-se nos trabalhos dos campos, escutando histórias dos velhos e assistindo as cerimônias conjuntas, as crianças e os jovens adquiriram paulatinamente, ao longo dos anos, os conhecimentos necessários à sua integração na comunidade. Aprendiam as habilidades de produção e adotavam as regras de comportamento e os valores imprescindíveis a vida em comum e como sobreviver. (CÁ, L. O. 1999, p. 85)

A superioridade colonial, dentro da sociedade africana tradicional, mostra que não tinha estabelecimentos escolares como os que existem hoje, o ensino (educação) incluía certos tipos de conhecimento adequados com as regras e procedimentos existentes em qualquer que seja a sociedade. O trabalho de campo permitia que a família e a comunidade participassem nas formações dos jovens e das crianças, entretanto, aprendia a sua relação e responsabilidade dentro da comunidade que pertencia, as regras de convivência, estudavam sobre as capacidades do conhecimento da produção e aceitavam a normas de conduta.

Segundo Lourenço Ocuni Cá (1999) antes da infraestrutura colonial, teve a educação tradicional africana que ensinava os jovens como lidar com o trabalho do campo e as vivências do cotidiano da realidade africana, através das histórias contadas pelos mais velhos, e os ensinamentos das cerimônias feitas, tinha uma educação diferente não igual a esta que temos agora.

Dar educação, para os portugueses, era o mesmo que “desafricanizar”. Pois isto conduza à criação de pessoas divididas, desenraizadas- africanos que pensavam como brancos. Uma pedagogia autoritária reforçava a submissão ao colonizador e incitava a sua imitação como único critério de sucesso,

que só podia ser individual, o conteúdo do ensino era a realidade da metrópole porque a África não tinha história; ela não existia antes que o colonizador a tivesse descoberto e habitava. Até mesmo nos anos de 1970, no liceu de Bissau, as mulheres dos oficiais que serviam no exército colonial continuavam a ensinar aos jovens guineenses a epopeia dos navegadores portugueses que haviam levado Deus e a civilização aos povos selvagens de três continentes. (OLIVEIRA apud CÁ, L. O. 1999, p. 91)

A intenção da educação colocada pelos portugueses era para tornar os africanos de cultura europeia, fazê-los esquecerem dos costumes dos nativos e aprender somente os costumes europeus, desenraizado os africanos, isto induzia com que os africanos pudessem pensar como os europeus. Nessa época o conteúdo que ensinavam era voltado à realidade da metrópole baseando-se que a África não tinha história, ainda ressaltando que África não existia antes do colonizador ter lhe descoberto. Essa educação europeia continuou até os meados de 1970, nas escolas de Bissau pelas mulheres que trabalhavam servindo o exército, ensinando para os jovens guineenses as poesias europeias.

Esse sistema de ensino herdado do colonialismo conduzia à formação de uma pequena elite, não só com uma mentalidade individualista, como também distante da realidade do país onde a maioria da população é camponesa. É nesse sentido que, nos primeiros anos da independente, o governo da Guiné-Bissau iniciou a transformação do sistema educacional herdado do colonialismo implementando outro que coadunam com a realidade do país. Não se tratava de dar uma educação inferior à anterior, mas que atendesse as necessidades da conquista almejada, na medida em que seu objetivo era o de envolver os conhecimentos, as qualidades e valores que permitisse ao aluno inserir-se na sua comunidade e contribuir para a sua permanente melhoria. (CÁ, L. O. 1999, p. 94- 95).

O modelo do ensino deixado pelo colonialismo orientava o desenvolvimento de uma pequena parte da elite, com pensamento totalmente eurocêntrico. Essa educação era muito diferente da realidade do país, pois essas pessoas pertenciam à zona rural, onde a maioria era camponesa. Isso permitiu que nos anos pós a independência o estado da Guiné-Bissau iniciou uma mudança do sistema da educação deixado pelos portugueses que era diferente no contexto que este é inserido, e com isso iniciou uma nova fase da implementação da educação que compreendia a população de acordo com a realidade do país.

Mesmo com a prática de uma educação que correspondia à realidade dos nativos, essa educação não foi pensada com a intenção de degradar a educação oferecida pelos colonizadores, mas sim como sendo uma educação que acolhesse, com uma utilidade de compreender todas as informações/conhecimentos, que permitisse com que os alunos e a população guineense se sentissem parte da sociedade e onde pudessem cooperar para as mudanças necessárias.

O sistema educacional implementado pelo PAIGC nas zonas libertada procurava retomar o que havia de relevância na experiência da sociedade Guineense. A informalidade educativa e a sua espontaneidade tradicional eram revalorizadas, assim como o recurso da experiência dos anciãos. Também se procurava, principalmente, aprender na e pela prática. Considerando a grande dificuldade com que se deparava face aos recursos matérias, tentava-se, à medida do possível, associar a aprendizagem à produção e nas tarefas das comunidades. Sobretudo nos internatos organizados pelo partido, o estudo estava ligado ao trabalho produtivo e aos alunos participava na gestão da escola e da sua preservação material. Com essas experiências práticas de integrar a educação ao trabalho e a participação política, tentava-se desenvolver nos alunos uma nova mentalidade, isenta do preconceito e dos aspectos considerados negativos pelos portugueses na sociedade tradicional. (CÁ, L. O., 1999, p. 78).

De acordo com Lourenço Ocuni Cá (1999) o modelo da educação implementado pela PAIGC, nas áreas alforriadas pelos portugueses, tinha por finalidade buscar a recuperação daquilo que era de extrema importância do conhecimento na sociedade guineense. Com isso era dado a importância ao conhecimento dos anciãos e a sociedade guineense nessa época buscava principalmente doutrinar a prática, analisando uma ampla insuficiência da plantação e os trabalhos dentro da comunidade por falta de matérias, mas mesmo assim, procuravam associar aprendizagem à plantação. Já nos internatos instalados pelo partido, os ensinamentos permaneceram fechados ao trabalho de campo, e os educandos eram parte da gestão, participavam na gestão da escola e cuidavam dos materiais.

Enquanto buscava o conhecimento dos métodos que ligava o ensino ao trabalho à informação política, houve a tentativa de fazer com que os alunos tivessem uma mentalidade inovadora, que lhes permitiam desenvolver e excluir a preocupação sobre o preconceito e as aparências contrárias estimados pelos lusitanos em relação á sociedade tradicional guineense.

Um sistema educativo, implementado pela luta de libertação e, ao mesmo tempo propiciaram o desenvolvimento desta luta expandia-se nas zonas libertadas do país. Todavia, continuavam a coexistir, em abril de 1974, com sistema português, implementado nos centros urbanos ainda sob domínio do exército colonial. ]...[ sempre com intuito de compreender as linhas de força do projeto educacional do PAIGC, era imprescindível em pormenor o que e sustentado no curso da luta. No plano dos valores, o PAIGC tentou valorizar o que havia de positivo na sociedade linhagem guineense, combatendo os aspectos negativos a situação de marginalidade da mulher, o sentimento da importância e/ ou de paralisia face aos fatores da natureza, a submissão à autoridade frequentemente opressiva dos chefes étnico; foram, portanto, questionados todo os preconceitos que pudessem recobrir ou favorecer a manutenção de relação de exploração e de dominação entre as pessoas. (CÁ, L. O. 1999, p, 99-102).

De acordo com Ocuni Cá (1999) o princípio educativo, imposto pela luta para libertação do povo guineense, ainda estava em momento de expansão das áreas alforriadas no território guineense. Embora a convivência do sistema da educação europeia tivesse

continuado na área urbana do país, tendo por finalidade compreender as fronteiras com o projeto educativo praticado pelo PAIGC, foi indispensável, pois o PAIGC intencionou a valorização positiva que podia ser encontrada da comunidade guineense, combatendo os pontos negativos que estavam presentes e a circunstância da marginalidade da mulher. Foram asseguradas a dependência frequente que existia entre os chefes das etnias africanas e os prejuízos recobriam ou protegia e conservava a relação que permitia a opressão da superioridade entre os indivíduos.

A educação nas zonas libertadas obteve resultado importante. Escolarizar grande número de crianças a partir dos 10 anos (dadas as condições de guerra, era esta a idade com que as crianças iniciavam a instrução primária). Segundo Luísa Teotónio Pereira, no ano letivo de 1971/1972, o PAIGC tinha nas zonas libertadas um total de 164 escolas, onde 258 professores ensinavam a 14.531 alunos. Posteriormente os melhores alunos eram selecionados para frequentarem os internatos do partido, instalados nos países limítrofes, no âmbito do instituto da amizade. (CÁ, L. O. 1999, p. 103).

De acordo com Ocuni Cá (1999), teve um grande avanço da educação nas áreas que já foram libertadas, o grande número de crianças que foram escolarizados com idade de frequentar a escola, apesar das condições de guerra que o país enfrentava. Mas as crianças de 10 anos de idade já frequentavam a escola. Nas áreas libertadas as escolas construídas eram em número de 164, com 258 professores para ensinar os alunos.

Entre esses números de alunos, havia as seleções dos melhores alunos e eram mandados para estudarem nos países vizinhos da Guiné-Bissau, nos internatos formados pelos partidos durante o momento da luta de libertação.

Além disso, o PAIGC, tendo em conta a exigência da reconstrução nacional e não obstante as condições da luta armada que obrigava a dedicação muitos jovens a preparação militar, cuidou, particularmente, da formação de quadros em nível médio superior. Para isso, contou com o apoio de países amigos de tal maneira que, durante os anos de luta, um número muito maior de guineenses atingiu os cursos superiores em comparação como período de ocupação portuguesa. Em 10 anos, o PAIGC formou muito mais quadros que o colonialismo em 5 séculos. Em 10 anos de 1963 a 1973, foram formados os seguintes quadros do PAIGC: 36 com curso superior, 46 com curso técnico médio, 241 com curso profissionalizante e de especialização e 174 quadros político e sindicais. Em contrapartida desde 1471 até 1961, apenas se formaram 14 guineenses com curso superior e 11 ao nível do ensino técnico (PEREIRA apud CÁ, L. O. 1999, p. 107).

De acordo com Ocuni Cá (1999), a exigência da reconstituição nacional e os jovens que eram obrigados a terem uma preparação militar, esses jovens eram protegidos e recebiam as orientações para serem quadros superiores em Guiné-Bissau, portanto, recebeu ajuda dos países vizinhos de tal modo que, nos anos que decorriam a luta, houve um elevado número

de guineenses com cursos superiores, comparando isso com o tempo que a Guiné-Bissau foi ocupada pelos europeus. Portanto, nos 10 anos PAIGC, formou-se mais quadros em relação ao colonialismo português durante seus cinco séculos.

## Capítulo 2- Educação Infantil na Guiné-Bissau

Neste capítulo trago as informações da educação infantil fornecida por LBE, com os objetivos a serem cumpridos e a situação da educação atualmente.

A educação pré-escolar é a vertente do sistema educativo que, autonomamente, antecede a educação escolar, funcionando a título facultativo e em complementaridade ou supletividade com o meio familiar. A educação pré-escolar destina-se a crianças desde os três anos até à idade de ingresso no ensino básico. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL, CULTURA, CIÊNCIA, JUVENTUDE E DOS DESPORTOS 2010, p.6).

De acordo com artigo 9º da (LBE) Lei Base da Educação na Guiné-Bissau, a educação pré-escolar, que também é denominada por jardim infantil, não é obrigatória, mesmo sendo a primeira fase da escolarização para a criança entrar no ensino básico. Permite a quem tiver condições financeiras que coloque seu filho no Jardim privado ou em cooperativas que oferecem a educação pré-escolar, pois o estado não se responsabiliza pela educação da pequena infância. A LBE deixa claro que a educação do ensino básico é gratuita e está isento a pagamento de qualquer taxa.

De acordo com as informações trazidas na LBE (2010), existem alguns objetivos pré-escolares para serem cumpridos, tais como:

- a) fazer a despistagem de precocidades, inaptações e deficiências na criança, encaminhando-a convenientemente;
- b) estimular e aumentar as capacidades da criança numa perspectiva de desenvolvimento equilibrado;
- c) promover a integração da criança em diferentes grupos sociais, em ordem ao desenvolvimento da sociedade;
- d) incrementar a formação moral e cívica e o sentido de liberdade e responsabilidade;
- e) favorecer hábitos de higiene e saúde;
- f) amplificar as probabilidades de sucesso da criança no sistema de ensino, através, designadamente, da transposição da barreira linguística.

O estado, mesmo com esses objetivos, na maioria das vezes não participa e nem tem colaboração com as instituições privadas e as cooperativas devido.

A Educação Pré-Escolar é integrada numa rede constituída por instituições do estado e de outras pessoas individuais ou coletivas e, dentro destas, públicas, privadas ou cooperativas. Ao Estado incumbe a responsabilidade de criar e manter as instituições da

Educação Pré-Escolar abarcadas pela rede pública e apoiar as instituições privadas e comunitárias do mesmo tipo. Cabe ao ministério responsável pela coordenação da política educativa fixar as normas gerais aplicáveis à Educação Pré-Escolar. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL, CULTURA, CIÊNCIA, JUVENTUDE E DOS DESPORTOS. 2010, p.7)

De acordo com a LBE (2010) a educação da pequena infância, por não ser da responsabilidade do estado, permitiu-se que as instituições privadas e as cooperativas ficassem com essa responsabilidade, o que possibilitou que houvesse número significativo das escolas privadas e as cooperativas da educação infantil na Guiné-Bissau. Entretanto, não existe um currículo da educação infantil, elaborado pelo estado, essa responsabilidade ficou para que cada escola fizesse o seu currículo de acordo com as modalidades ofertadas.

Com isso, nota-se que falar do currículo da educação infantil seria possível quando se trata de uma escola privada ou duma cooperativa, se existem currículos escolares da educação infantil nessa escola, porque mesmo que as escolas que estão em colaboração com o estado na maioria das vezes funcionam sem o estado para apoiar ou dar sua contribuição.

A maior parte dos centros pré-escolares na Guiné-Bissau funciona com o apoio dos pais, comunidades, organizações religiosas ou não governamentais auferindo os educadores salário muito baixos. Para, além disso, é comum, que muitos educadores/professores estejam sem receber os seus salários durante longos períodos de tempo, em virtude de uma gestão financeira muito pobre. ]...[ Hoje, são ainda “ inúmeros os estabelecimentos que, efetivamente, funcionam sem quaisquer matérias para o prosseguimento dos objetivos de desenvolver as capacidades dos alunos e prepara-los para enfrentarem com sucesso a escola primária” (MONTEIRO apud AVELEIRA, 2007, p. 409).

De acordo com Aveleira (2007), em muitos casos, as escolas guineenses, para terem continuidade, recebem ajuda dos pais dos alunos e da própria comunidade que este estabelecimento escolar pertence para o seu melhor desempenho. Por vezes estas escolas são geridas pelas organizações não governamentais, organizações que não são de cunho do estado e das organizações religiosa, tendo em conta que as escolas da educação infantil que hoje estão situadas em centros da cidade de Bissau são, em sua maior parte, as organizações religiosas católicas.

Todavia, em Guiné-Bissau, a falta de salários para os professores é muito comum, isto é o que enfrentam por longos períodos de tempo, tendo em conta a má gestão que as escolas enfrentam. E a falta de materiais para o desenvolvimento e realização das atividades e de capacitar os alunos preparados para entrar no ensino primário, pós educação infantil.

Porém a educação infantil na Guiné-Bissau ainda é muito improvável, pois até os jardins públicos estão sendo sujeitos a pagamento de propinas, isto é, o maior causador de grandes implementações da educação infantil, posta pelas comunidades religiosas, uma vez que a maioria dos estabelecimentos da educação infantil hoje, encontrados em Guiné-Bissau, são privados e religiosos. Os centros urbanos da educação comunitários são sustentados pelos pais e comunidades pertencentes às localidades, somente para que as crianças vulneráveis possam ter acesso à educação na pequena infância.

Apesar de vários esforços feitos ao longo de vários anos após a independência, a Guiné-Bissau não conseguiu definir ainda uma política para esse nível e a visão da pequena infância sempre se limitou a uma educação pré-escolar eminentemente urbana, muito seletiva e redutora em termos de incidência. Segundo dados da UNESCO, baseados em indicadores do Banco Mundial, em 2004, apenas 12% das crianças (com idade compreendida entre os 3 e 6 anos frequentavam a educação pré-escolar, incluído movimentos comunitários de apoio às crianças. A percentagem de crianças em idade escolar que não vão à escola é de 55% e cerca de 70% daquelas que entram para o primeiro ano de escolarização não terminam essa escolaridade básica. (FURTADO apud AVELEIRA, 2007. p. 409).

De acordo com Aveleira (2007), após a independência, durante longo período, o país não alcançou um nível da política educacional para pequena infância, não teve o deslocamento e implementação das ideias para a sua realização, por isso, não deram importância à educação da pequena infância e simplesmente limitaram a uma educação pré-escolar que era somente ofertado nas zonas urbanas. Deste modo, não foi pensada uma educação que abrangia a pequena infância nas zonas rurais do país.

Se a Guiné-Bissau foi libertada, para que continuar com a educação pré-escolar dos currículos europeus nas zonas urbanas? Porque não pensar uma educação a partir da realidade vivida pelas crianças e uma nova educação que compreendia toda a população infantil? Percebe-se que os portugueses foram expulsos no território Guineense, mas a colonização continua presente em tudo que é feito na Guiné-Bissau. Teve a baixa percentagem das crianças com idade de frequentarem as escolas, que nem sequer conhecem a escola, porque a escola devia ser a principal preocupação do estado, mas não foi. É muito lamentável ver que para uma criança frequentar a escola com a idade de 3 a 6 anos é porque os pais conseguem pagar para mantê-las nas escolas. Entretanto, tem pais que, por mais que queiram que seus filhos frequentem a escola de educação infantil, não tem condições de colocarem as crianças num jardim infantil privado, tendo em conta o elevado valor das mensalidades nas instituições da educação infantil.

O fator que contribuiu para que as instituições religiosas e as escolas comunitárias construíssem os Jardim em Guiné-Bissau foi falta do pensamento voltada à educação da infância, pelo estado guineense. Lembrando ainda que as crianças que conseguem frequentar a jardim da infância sempre estarão em vantagem em relação às crianças que não estiveram na escola, e terão mais domínio na língua portuguesa, o que permite que estas crianças sempre estejam um passo à frente das outras crianças que não tiveram essas oportunidades.

Na Guiné-Bissau encontramos profissionais atentos e afáveis na interação com as crianças e, na interação com o visitante, aberto e caloroso, interessado no contato com novas ideias e na discussão de questões com vista à “superação”, melhoria e inovação das suas práticas pedagógicas. As famílias valorizam a educação da infância, considerando particularmente a sua importância para o desenvolvimento da compreensão e expressão em língua portuguesa, uma importância base na prevenção do insucesso na escolaridade básica. (AVELEIRA, 2007, p. 411)

De acordo a pesquisa desenvolvida por Aveleira (2007), encontraram em Guiné-Bissau profissionais da educação acolhedoras e cuidadosas com as crianças, pois existia uma interação de ambas as partes, sempre estiveram abertas às novidades e às alterações dos assuntos sujeitos a modificações e avanços das novidades das práticas pedagógicas. A educação da infância era muito valorizada pelas famílias, pois esta permitia que as crianças fossem para a escola com a intenção de desenvolverem a capacidade de aprendizado, e com finalidade de ter uma grande melhoria e aproveitamento, lembrando ainda que maiorias dessa família são as que prezam que os filhos tivessem mais contato com a língua portuguesa, porque acreditam que a língua portuguesa permita o sucesso escolar.

Enquanto as famílias se preocupam com a educação da infância para os filhos, e para que seus filhos possam ter uma boa educação na infância, existem pais com o mesmo desejo, mas lembrando de que essa educação na infância é voltada totalmente à educação eurocêntrica, se fosse uma educação nas línguas faladas na Guiné-Bissau, todas as crianças pelo menos teriam a mesma maneira de e comunicar, mas se tivesse uma educação para todos nesse sentido.

A maior parte das crianças, hoje em dia, teria o tal domínio na língua igual a maioria das crianças que frequentam a escola na idade de 3 a 6 anos de idade, diferença igualitária às crianças das famílias que colocam seus filhos nas escolas particulares.

Nalgumas jardins-de-infância encontramos planificações semanais ou mensais, por salas ou por instituições e algumas práticas de reunião para planificação e avaliação de atividade. Apesar disso, a maioria das práticas e rotinas dos jardins-de-infância estão instaladas por hábito, as pessoas não refletindo e questionando a sua manutenção. ]...[ a cultura africana é desvalorizada (histórias, canções, matérias, imagens decorativas são

importadas de outras culturas) mas uma exceção deve ser feita para dança e ritmos africanos. (AVELEIRA, 2007. p. 411).

Segundo Aveleira (2007) nos jardins da infância conhecidos por ela, acharam os planos das aulas feitos, tanto semanais como mensais, no entanto, ela vem chamando a atenção do que viu durante essa sua estadia, realmente o que acontece em muitos casos nos jardins da infância em Guiné-Bissau, e exatamente a valorização da cultura europeia e desvalorizando totalmente a cultura local, tanto as atividades quanto as matérias são europeias, a única maneira que a cultura Guineense seja valorizada é através das danças.

Mas têm histórias, canções e as imagens que podem ser aproveitadas para trabalhar com as crianças de acordo com as suas realidades e vivências, até porque isso vai permitir a melhor forma de compreensão das crianças, se o conteúdo escolar fazer parte do cotidiano. Isto impossibilita em alguns casos a compreensão da matéria que querem te passar, porque as crianças vivem uma realidade totalmente diferente da que estão sendo ensinada na prática.

Antes da chegada dos navegadores portugueses na costa ocidental africana, cada etnia falava a sua língua materna. A Língua portuguesa foi levada ao continente africano devido à expansão colonial portuguesa. Não havia uma língua unificada no país como hoje se tem; cada grupo étnico se expressava a partir da sua língua local. Após a chegada dos 70 colonizadores ao continente, houve, então, a necessidade de comunicação entre as etnias. Com isso, o crioulo surgiu como a Língua de aproximação de todos os grupos étnicos e não só, mas, também entre os guineenses e os portugueses. Assim, foi do contato do português com as línguas étnicas que nasceu o crioulo guineense. (EMBALÓ apud CÁ, V. 2015, p. 69-70).

De acordo com Virgínia Cá (2015), antes da chegada dos navegantes portugueses às margens do ocidente africano, na Guiné-Bissau, nas etnias que existiam em Guiné-Bissau, cada uma falava a sua língua materna. A língua portuguesa chegou a Guiné-Bissau junto com a expansão europeia. Para Guiné-Bissau não tinha uma língua que permitia uma comunicação entre a população, não existia uma língua unificadora entre as populações guineenses, cada grupo étnico se expressava através das suas línguas étnicas da localidade que pertenciam. Com a vinda de 70 conquistadores ou colonizadores á Guiné-Bissau, nasceu a grande necessidade de comunicação em meio dos nativos guineenses, assim com os europeus, entretanto, essa unificação não permitiu somente aproximar os nativos guineenses, mas, além disso, permitiu a entendimento com os portugueses, então se diga que o crioulo nasceu através do português com as línguas étnicas.

Com esse surgimento da língua crioulo, permitiu que os guineenses, desde então, pudessem se comunicar através de uma língua, lembrando que a língua crioula passou a ocupar o espaço mais importante no cotidiano guineense como sendo a língua primeira, pois,

a língua crioula é uma língua que os guineenses não aprendem na escola é a primeira língua que os guineenses nascem a escutam, e aprendem a se comunicar através de dela.

Aqui cremos que LN é a língua da identidade nacional, da expressão cultural e dos valores nacionais. a questão da *língua nacional* que, sem dúvida, é um componente significativo na abordagem da identidade linguístico-cultural. No entanto, existem países, como Cabo Verde e Guiné-Bissau em que a língua crioula é atribuído o estatuto de LN e falada por maior parte da população. (INFANTE apud CÁ, V., 2015, p.69).

De acordo com Cá Virginia (2015), a língua crioula é conhecida como sendo a língua primeira ou língua nacional em alguns países do PALOP (Países Africano da Língua Oficial Portuguesa), como no caso de Cabo Verde e Guiné-Bissau. A língua da identidade nacional, pois a identificação dos guineenses e cabo-verdianos em maior parte dos casos, é cometida através das línguas crioulas, em muitos ambientes tanto sociais quanto culturais. Ainda ressalta que é uma língua da identidade linguística e cultural, dentre esses países mencionados, são línguas mais faladas com frequência e por maior número da sua população.

A LO é a língua que um Estado elege como língua de legislação, administração, comércio, educação e justiça. Nos países africanos, de expressão portuguesa, francesa e inglesa em contextos plurilíngues, este termo é usado para legitimar a LO das outras línguas, nos diferentes órgãos estatais dos países. E em muitos casos desses países, a LO não corresponde à LM, para a maior parte da população; ela aparece como L2. No caso de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, a LO é o português, que também pode ser chamada de L2. (CÁ, V., 2015, p. 69).

Segundo Cá Virginia (2015) a língua oficial, o português, é uma língua escolhida pelo estado para facilitar nas administrações, comércios, a educação e a justiça, em os países africanos da língua portuguesa, assim também como nos países africanos da língua francesa e inglesa. Na maior parte a língua oficial é conhecida como a segunda língua que, por sua vez, é muito diferente com a língua primeira, a língua materna, pois a língua oficial é aprendida somente na escola e é falada também na escola e nos espaços escolares em casa de algumas pessoas que obrigam os filhos a falarem somente o português em casa.

Os africanos não escolheram o português como a língua primeira, particularmente dos guineenses, a língua portuguesa foi atribuída aos africanos durante a partilha da África nos anos de 1985, com a conferência do Berlim, por tanto os países que ficaram como colônia de Portugal passaram a ter a língua portuguesa como uma língua oficial. Que obrigatoriamente é falado nos ambientes escolares e lugares frequentados pelos membros do estado e nos locais dos trabalhos. Com a língua portuguesa sendo a língua falada na escola, não era compreendido por todos, permitiu que o fracasso se paira sobre a educação, pois esta

língua tem sido o maior fator de fracasso da educação, por conseguinte, a maioria dos professores tem dificuldade na comunicação com a língua portuguesa, que impossibilita a transmissão dos conteúdos para os alunos.

Ressaltando que o português é falado quatro horas por dia na escola e tempo restantes das horas do dia a língua crioulo é a que permanece no cotidiano. Ou seja, não tem como a língua portuguesa atingir toda população, pois é uma língua falada ocasionalmente pelas pessoas. Nesse caso que entra a questão de tornar a língua crioulo como sendo uma língua oficial, pois esta permitiria que toda população expressasse e compreendesse com mais facilidade porque é uma língua que está sendo falada em constante e em todo parte e momento.

## **2.1 A situação atual da educação infantil**

Neste tópico, trataremos da circunstância que a educação infantil se encontra na contemporaneidade.

Essa situação coloca em risco a frequência desses níveis de ensino por crianças oriundas de famílias desfavorecidas ou possuidoras de fraco nível de capital económico e escolar, porque os pais que não têm condições económicas e financeiras, à partida não têm condições de financiar os estudos dos seus filhos. E pais com dificuldades económicas e sem cultura escolar não veem a razão de ser da frequência escolar dos seus filhos, porque a limitação económica e financeira fala mais alto. (LOPES, 2014, p. 48).

A informação apresentada por Lopes (2014) mostra que a presença das crianças da educação pré-escolar em maior parte acontece somente quando as famílias estão em condições de manter a criança na escola, entretanto a criança que a sua família não estiver em condições para colocar na escola corre o risco de não ser escolarizada. Existem diversos fatores que impossibilitam a permanência dessas crianças na escola, muitos pais com dificuldades enfrentadas e falta de qualidades, e valor da importância que a escola tem, não compreendem a importância dos seus filhos na escola. E o estado tem dever de construir as escolas para que as famílias se responsabilizam de colocar as crianças nela, mas carência das escolas por parte do estado permitiu a ausência das crianças nas escolas.

O Estado guineense, enquanto principal regulador do sistema educativo, não consegue através das suas políticas públicas assegurar que todas as crianças guineenses em idade escolar usufruam equitativamente do direito à educação. As famílias surgem mediante essa situação incumbida, não por vontade própria, de assegurar a educação escolar dos seus descendentes e educandos, porque caso assim não seja, os mesmos ficariam à mercê do destino, ou seja, da exclusão social e da impossibilidade de uma ascensão

o social determinado pela socialização em outro grupo social que não o de pertença. (LOPES, 2014. p. 48-49).

De acordo com Lopes (2014), o fracasso da educação infantil na Guiné-Bissau é voltado principalmente para o estado, pois o estado que não se preocupa com a educação do seu povo, com o bem-estar da sua população, de sua escolarização e, com o desenvolvimento do sistema educativo, a educação na Guiné-Bissau nunca alcançou e nem garantiu que todas as crianças usufruam o direito de ir à escola na idade escolar. Com isso, as famílias tornam-se os principais responsáveis pela educação dos seus filhos, e crianças que tem na sua família, porque se essas famílias não se responsabilizam pela educação dessas crianças, elas ficariam fora da sociedade. Não pertenceria a nenhuma classe social e ficariam isoladas da socialização e do acesso à escola no próprio meio que pertencem. De acordo com os dados do Ministério da Educação e do Ensino, apresentados por Silva:

A cobertura escolar na Guiné-Bissau é insuficiente, apesar da evolução positiva que tem vindo a ser apontada pelo Estado a esse nível. Existem ainda regiões no país que não possuem escolas e ainda zonas onde as escolas existentes não oferecem a continuidade dos ciclos de ensino, o que obriga muitas crianças a deslocarem-se a pé para frequentarem a escola de outras zonas. Muitas crianças em idade escolar têm de percorrer mais de 30 minutos a pé para chegar à escola. [...] A distância da habitação da criança à escola é uma das causas do abandono escolar apontado frequentemente pelas famílias, seguido do trabalho infantil e casamento precoce das raparigas. (LOPES, 2009, p.49)

Para Lopes (2009) a educação na Guiné-Bissau tem sido um problema muito preocupante, pois os obstáculos para que algumas crianças tenham acesso as escolas são muito grandes. A educação guineense, por não atingir a grande maior parte da população cria o grande fracasso educacional que ao longo do tempo tem sido visto em Guiné-Bissau, embora as tentativas das implementações continuem, ainda são insuficientes. Em outros casos vê-se que por falta dos meios que permitam que as crianças cheguem a escola com facilidade e no tempo da aula, obriga muitas desistências, impossibilitando assim que as crianças ficassem na escola, e são encontrados com frequência no meio das meninas, a presença na escola passa a ser substituída pelos trabalhos domésticos.

Enquanto a escolarização feminidade for substituída com trabalhos domésticos, não só, como em maior parte essas mesmas meninas que não frequentaram a educação pré-escolar, são as mesmas que são obrigadas a casamentos precoces.

## **2.2 A concepção de orientações curriculares para a educação pré-escolar da Guiné-Bissau**

Neste tópico, iremos descrever como os currículos educacionais da educação pré-escolar na Guiné-Bissau estão orientados.

Guiné-Bissau é um país que sofre as consequências de uma dominação colonial de cinco séculos. Tornou-se independente de Portugal em 1973/1974, depois de onze anos de dura luta armada, após a queda do regime fascista salazarista. Entre 1974 e 1991, o país viveu sob uma adaptação do regime marxista-leninista, inspirado e apoiado pela ex-União Soviética. A situação educacional de Guiné-Bissau vincula-se a essa história da construção da independência do país, em meio a intensas lutas de guerrilha (1964-1974). Após quarenta anos desde a sua independência os princípios, as concepções de mundo, de homem e de sociedade, vinculados a dado projeto de república e de liberdade para a Comunidade de Países da Língua Portuguesa (CPLP), ainda são recuperados. (BARROCO, 2015, p.2).

Após 5 século da dominação colonial, Guiné-Bissau é um país que padece os resultados deixado pelos colonos. Com a sua independência de Portugal, em 1973/1974, a posição que a educação Guineense de encontra no país está ligada à história da construção da liberdade do país, em ambientes de intensas da luta da guerrilha de 1964-1974, portanto, durante seus quarenta anos depois de ser um país independente, antes houve o momento que o país viveu sob regime e apoio pela ex-União Soviética. Na realidade a Guiné-Bissau, nunca deixou de receber apoio desses países, porque a ex-União Soviética dava bolsas de estudos aos jovens durante a luta de libertação.

O país conviveu vários anos com dois modelos diametralmente opostos: o ensino colonial português, que tinha seus conteúdos programáticos com base nos currículos escolares de ensino de Portugal, e o ensino do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), o Ensino de Zonas Libertadas, que controlava um terço do território da então Guiné Portuguesa, atual território da Guiné-Bissau. Em tais zonas, os conteúdos programáticos contemplavam a história e as tradições culturais do país, a geografia, o relevo e as táticas de guerrilha. (BARROCO, 2015, p.3).

Segundo Barroco (2015) existia dois modelos da educação guineense, e que cada um dos modelos pertencia um tempo e as zonas: o ensino da colonial português estava voltado a Europa, um currículo totalmente europeia, as aulas aconteciam exatamente como acontecia em Portugal, por ser um ensino com currículo que não envolvia toda população tendo em conta a diferente da localidade que estava sendo inserido, acabou deixando algumas lacunas por causa das dificuldades da língua e o próprio sistema educacional fora do contexto e o espaço. O segundo modelo da educação foi a que estava sob controle do (PAIGC) com a finalidade de uma educação voltada a história da Guiné e Cabo-Verde, e as zonas libertadas, os conteúdos que estavam disponibilizados para ensino eram a história e as tradições e as culturas desses dois países, e os seus espaços geográficos, mas acabou por não acontecer os

dos momentos acabou acontecendo da mesma forma todos compartilhando a mesma forma da educação voltada aos currículos portugueses.

A igreja católica detinha uma quantidade muito reduzida de oferta educativa tendo em conta a população do país e escola sem ciclo de ensino completo, sendo apenas permitido o acesso à escola pública aos assimilados. Após o início do plano “por uma Guiné melhor” o acesso à educação pública teve melhoras em termos de acesso, tendo, por exemplo, o poder colonial transformado guarnições militares em estabelecimento de ensino. Contudo, apesar destes esforços, o acesso continuou a ser reduzido. (MORGADO, SANTOS, SILVA, 2016, p. 66).

Morgado, Santos & Silva (2016) mostraram que a Igreja católica, por ser um órgão que sempre teve a suposta imagem de salvação, e que no princípio essa foi a história que contaram para ganhar espaço para depois, mostrar a sua verdadeira intenção, nessa época a educação foi dado somente para a população que eram considerado assimilados ,tendo em conta que na Guiné-Bissau não tinha muito da sua população que eram assimilados na época, então isso permitiu que não houvesse muitos guineenses na escola nesse tempo. Com começo do plano chamado “por uma Guiné melhor”, que permitiu a acesso a uma educação pública para todos sem distinguir a classe social e o seu nível da escolarização. Mesmo assim não teve muito êxito com isso, porque existiam pessoas que ainda se encontravam fora dessa educação.

### **Capítulo 3. Jardim Infantil Despertar**

Neste capítulo, faremos uma apresentação do Jardim Infantil Despertar, apresentando o histórico de sua fundação, os métodos do ensino utilizados por esta instituição e como está organizada a sua estrutura e seu corpo docente e discente, a relação dos pais com ao Jardim e o espaço da sua localização.

#### **3.1 - Apresentação do Jardim Infantil Despertar**

O Jardim Infantil Despertar situa-se no bairro de Chão de Papel Varela, numa zona urbana do centro de cidade de Bissau, uma zona muito urbanizada, localizado à rua Severino Gomes de Pina, também conhecido como rua 10. É uma escola dentro da capital do país, as configurações familiares ao redor dessa escola são familiares de classe alta. As casas que se encontram nessa zona são casas e instituições de trabalhos privados e algumas instituições públicas. Essas casas contêm famílias com números de filhos muito reduzido, pois como é o caso que acontece muitas vezes em Guiné-Bissau, com as pessoas imitando a forma europeia de viver, uma vez que estas famílias se organizam de forma europeia, e são as que sempre nas férias viajam para Europa com os filhos.

Essas famílias que moram próximas à escola são consideradas ricas, aquelas que têm dinheiro para viagem e dar boa vida aos seus filhos que também são considerados como europeus, lembrando que essas casas são de estruturas europeias, têm casas duplex e algumas casas, por mais que sejam grandes, são habitadas por poucas pessoas, somente umas três (3) pessoas ou quatro (4) pessoas no máximo com cães e empregadas e guardas diurno e noturno. Desses pais uns são ministros, outros procuradores, funcionários do estado com bons cargos, ocupam um lugar muito alto nos ministérios e tem casas em Lisboa e em outras partes de Europa, com nacionalidade europeia com seus/suas filhos/filhas e esposa. Porque vivem como europeus.

No Jardim Infantil Despertar, de segunda- feira a quinta-feira, as refeições são servidas para as crianças, de acordo com o cardápio feito anualmente, esse cardápio é o mesma para todas as semanas, é feita pela irmã Eveline que depois passa pela mão da secretária que faz chegar aos pais das crianças e após isso é colocado no quadro das informações. Durante os dias de segunda a quinta são servidos diferentes pratos de acordo com o cardápio apresentado no quadra das informações.

Segunda-feira: É servido Guisado de carne de boi, 1h00min, quando saem para almoçar a turma de dois (2) anos. Vão para higiene lavar as mãos com sabão e enxugar com uma toalha, e fazem uma fila para dentro do refeitório, são servidos pelas merendeiras as educadoras que ajudam as que têm dificuldades para comer.

Quando terminam, começaram a sair para irem lavar as mãos e irem para sala descansar. Então as crianças de três (3) anos, quatro (4) anos e cinco (5) anos almoçam todas juntas, porque já são crescidos, fazem três filas para lavarem as mãos e depois enxugam e entram no refeitório aguardando que as merendeiras sirvam para que cada um possa começar a comer. Em seguida vão lavar as mãos e vão deitar para descansar. As crianças não comem juntas com as educadoras, elas comem primeiro quando terminam são levadas para se deitarem, esse momento as educadoras saem para comer, as crianças comem com talheres de metal e pratos plástico, as educadoras comem nos pratos de vidro. No momento de comer as crianças conversam entre elas, mas com as educadoras e as merendeiras sempre estão por perto proibem que conversam em crioulo e ainda chamam atenção de não falarem no momento que estão a comer.

Terça-feira: peixe com legumes, pelas 11h00min às crianças de dois (2) anos saem primeiro como de costume para o almoço, fazem uma fila e vão para lavatório “lava louça”, lavar as mãos e a seguir para refeitório esperar que as merendeiras sirvam a comida para elas, e quando terminaram os alunos de três (3) e cinco (5) anos foram através das filas para lavatório ‘lava louça’ lavar as mãos com ajuda das educadoras. Depois de enxugar as mãos foram para o refeitório, quando foram servidos comeram e quando terminaram foram lavar as mãos e foram para salas descansar nas esteiras. Essa turma não tem as camas igual as outras tem as esteiras. Porque a cama não dá para todas as crianças somente algumas crianças deitam na cama e outras nas esteiras e a educadora.

Quarta-feira: É servido atum com grão de bico, nesse dia a irmã foi à feira “mercado” somente para comprar alguns legumes porque o grão de bico e o atum ela já tinha. Então quando terminou o almoço as crianças de dois (2) anos saíram e foram lavar as mãos na lava louça e quando terminaram foram para refeitório, esperar que as merendeiras e as educadoras lhes servissem a comida.

Quando terminaram de comer foram lavar as mãos e foram para suas salas para descansar. Quando foram as crianças de três (3), quatro (4) e cinco (5) anos, estas saíram como de costume fizeram fila e foram para o “lava louça” e lavaram as suas mãos com ajuda das educadoras e foram para o refeitório. Esperavam que as merendeiras as servissem, quando terminaram de comer algumas foram lavar as mãos outras não aceitaram e foram

logo para sala, chegaram e foram deitar porque antes de irem para o almoço já haviam tirado as camas e organizaram cada um no seu lugar.

Quinta-feira: É servido macarrão, esse dia como era macarrão com frango, às 12h30min, como de costumes foi o almoço dos alunos de dois (2) anos, depois as crianças de três (3), quatro (4) de cinco (5) anos. Antes das crianças de cinco anos irem para o almoço, foram pegar as camas e onde eles mesmos costumavam guardar, depois se levantaram, organizaram todas as camas e saíram numa fila para lavar as mãos e depois entrarem no refeitório para comer. Quando terminaram de comer foram lavar as mãos e foram direto para a cama.

Depois de almoço as crianças não escovaram os dentes, algumas lavaram as mãos e outras não e já vão direto para cama para descansarem. As crianças conversam em maior parte entre elas na língua crioulo, vi que às vezes conversam na língua portuguesa, porque são vigiadas pelas educadoras constantemente sobre a questão da língua portuguesa, porque é obrigatório. Algumas crianças ficam mais caladas porque são proibidas de falar crioulo. Se vão falar são em poucas palavras e nesse momento dá para perceber a tristeza nos seus rostos, pela falta de expressarem os seus desejos. De acordo com as regras colocadas no horário deveriam deitar às 13h: para levantarem às 15 horas.

Mas o que aconteceu nesse dia, quando terminaram de almoçar foram para cama às 13h30min, e só levantarem as 16 horas, não tiveram momentos da história e da poesia, e começaram a pegar as mochilas aguardando seus pais para irem embora.

### **3.2 - Estrutura e Funcionamento do Jardim Infantil Despertar**

O Jardim Infantil Despertar pertence e também é dirigido pela província de Santa Maria, da Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição (CONFHIC). É uma escola privada, sob a tutela da comissão Interdiocesana de Educação e Ensino (CIEE). E está estruturada da seguinte maneira:

**O CORPO ADMINISTRATIVO E DOCENTE DA ESCOLA É CONSTITUÍDO POR:**

- (a) Supervisora: Superiora da Fraternidade,
- (b) Diretora administrativa,
- (c) Vice-diretora administrativa,
- (d) Diretora pedagógica,

- (e) Secretária,
- (f) Conselho pedagógico - diretora pedagógica, diretora e vice-diretora administrativo, coordenadora de cada nível
- (g) Conselho da educação pré-escolar- Educadora da Infância
- (h) Docente
- (i) Pessoal não docente administrativo, serviços e auxiliares de educação.

A escola que escolhi para trabalhar é um Jardim de nome, JARDIM INFANTIL DESPERTAR, tendo como o lema “a mão que desperta para vida”. É uma escola das irmãs Imaculada se Franciscana Hospitaleiras da Imaculada Conceição (CONFHIC).

O Jardim Despertar foi criado em 1995, no ano de 2019 o Jardim Infantil Despertar Vai se um total de 67 crianças.

#### 1. Tabela de Horário de funcionamento

Entrada das crianças no jardim 8h: a 16h:30min	Das 8h: 45min a 9h15min atividades do parque infantil
Das 9h: 30min horário de irem para banheiros	10h- horário de lanche, recreio, higiene pessoal
11h:45min a 12h atividades livres	12h a 12h: 45min almoço higiene pessoal

### 3.2 - Aspectos da Gestão Institucional

A escola tem oito (8) salas de aulas e uma sala para creche, têm quatro (4) banheiros, cada banheiro tem dois (2) compartimentos, estes quatros banheiros, um para meninos, um para meninas, um dos funcionários e um para crianças da creche. O Jardim conta com 23 educadores, entre eles 18 são formados e cinco ainda estão se formando como educadora infantil, um professor do Inglês e um de Francês. Sendo 21 mulheres e dois homens.

Esse Jardim teve a sua fundação no ano de 1995, dos anos 1995 até a data presente foram formados 1.108 alunos e esse ano ainda estão para se formar um total de 67 alunos. Na parte da frente do Jardim tem variados tipos de plantas e flores, um jardineiro, 5 cozinheiras/merendeiras. Na Guiné-Bissau o ensino da educação infantil, está predominada pela classe feminina, não existe professores de educação infantil do sexo masculino, existe somente as educadoras, isso mostra de uma forma clara que a educação pré-escolares é desenvolvida por mulheres.

**As mensalidades:**

As seleções para inscrição das crianças são feitas através da idade. No Jardim recebem as crianças a partir dos dois anos creche, e de três anos de idade, mas as mães já procuram o responsável do Jardim quando sabem o resultado da ultrassonografia, para solicitar lugar para seu filho, porque essa escola é considerada uma das melhores na cidade de Bissau. Esse ano o Jardim conta com um total de 202 alunos/alunas.

A escola tem quatro salas de aula para atender as crianças de quatro anos. A mensalidade para crianças de dois anos é no valor de 22.500 fcfa mensal que corresponde 147,00 R\$ mensal, que são pagas por quadrimestre que corresponde um valor de 90 ml fcfa, igual a 589,00 R\$. Nesse valor está incluído o almoço por cada criança. As crianças de três (3), quatro (4) e cinco (5) anos de idade pagam por mês um valor de 17.500 fcfa, que corresponde em real brasileiro um valor de 116,00 R\$, que também é pago por quadrimestre, num valor total de 70.000 fcfa, que são 467,00 R\$ incluindo almoço de cada criança de segunda a quinta, na sexta somente a aula de natação e ginástica. A aula termina às 12h: e 00mn, somente aula de natação e educação física, que acontece todas as sextas-feiras, no período da manhã e não precisam almoçar na escola e cada criança costuma vir com o lanche de casa.

A escola tem 29 funcionários: uma secretária, 18 educadoras, uma diretora, (a Irmã responsável pelo Jardim), 1 logística, (pessoa responsável pela organização do espaço quando há um evento), um professor de francês e inglês, um jardineiro, duas serventes (pessoas responsáveis pela limpeza da escola) e cinco cozinheiras/ merendeiras. Esses funcionários que trabalham nesse Jardim são todos/as guineenses, pertencentes a Igreja católica e as crianças também todas são negros/as africanos/as e guineenses, pertencentes a religião católica e religião muçulmana.

Quanto ao pagamento das mensalidades, para quem escolher o esse estabelecimento escolar para colocar seus/suas filhos/filhas, compromete-se a pagar os 12 meses do ano, por quadrimestre. E uma vez que o montante foi pago, não pode ser devolvido aos pais.

Em cada dia da semana é servido um cardápio diferente: segunda-feira guisado de carne de boi; terça-feira-peixe com legumes; quarta-feira-atum com grão de bico; e na quinta-feira-macarrão com frango.

Para o almoço, os alimentos são frescos e naturais, comprado com os/as agricultores/as no mercado para cozinhar. A diretora vai à feira “mercado” todos os dias para comprar os alimentos para cozinhar diariamente.

## ROTINA DA ESCOLA

8:00h às 8,30min, entrada das crianças no Jardim-de-infância
8h: 45min às 9h:15min atividades no Parque Infantil
9h15min às 9h30min, momento de irem ao banheiro
9h30min às 10h atividades orientada/atividade livre
10h: às 11h: Lanche/ recreio/ higiene pessoal
11h às 12h atividades livres/ higiene pessoal
12h: as 15h almoço/ higiene pessoal e sesta 9 bons sonhos)
15h às 16h higiene e lanche
16h às 16h15 Histórias, Canções, poesias e Jogos
16h15min às 16h30min Arrumação e saída acaba assim mais um dia feliz

Fonte: Informação do PPP do Jardim Infantil Despertar

De acordo com a tabela dos horários que apresentei, algumas atividades aconteceram do mesmo jeito como consta no cronograma do horário. Algumas como no caso da canção, história, poesias e jogos, esses momentos não chegaram acontecer em nenhum momento na aula até que as crianças saíram na escola. Depois de almoço essas crianças são colocadas para dormir, até no horário de saída depois que acordarem não fazem mais nada, apesar de serem crianças de dois anos apenas, ainda não podem fazer nada. Estas passam mais tempo nos braços das educadoras, algumas nem querer descer, e choram quase sempre. Com essas crianças, no dia que estive lá, não fizeram quase nada, como são crianças, algumas choram mais do que fazer qualquer coisa.

TABELA 3- ROTINA DIÁRIA DAS CRIANÇAS DE 3 A 6 ANOS DE IDADE

8h: às 8h30min recepção (tolerância 10min)
8h40min Oração da manhã e entoação do Hino Nacional
8h45min às 9h55 Atividade orientada/ atividades livres
10h às 11h higiene/lanche e recreio
11h às 11h45min/12h atividade orientada/ atividades livres
11h45min/12h às 13h:00 Higiene/ Almoço/Higiene
13h:00/13h20min as15h:15min Sesta (bons sonhos) higiene/lanche
15h30min às 16h:00 jogos, Histórias, Poesias e canções
16h00 às 16h: às 16h15min conversa Final

16h15min às 16h30min Arrumação e saída e Acaba assim mais um dia
--

De acordo com as tabelas dos horários apresentados por mim, esses horários são apresentados aos pais das crianças, todos os pais colocarem os olhos nesse jardim tendo em conta o que a estrutura apresenta, mas na verdade esse cronograma existe da forma fictícia. Durante a pesquisa de campo no Jardim não foram cumpridas essas horas assim como estão organizadas, porque essas crianças não tiveram o momento de higiene depois de almoço e dormiram depois do almoço até as 16h: e 15, quando os pais estavam prestes a chegar e foram levadas as camas e pegaram as suas mochilas. Não teve momento das histórias, poesias e nem das canções, o que demonstra que normalmente o Jardim foge um pouco da rotina como está prevista e disponibilizada para os pais das crianças.

No dia 27 de novembro, eram as 08h00min da manhã, que era o horário da entrada das crianças. As crianças, ao chegarem no jardim são recebidas por duas educadoras e a subdiretora. A recepção das crianças é feita por uma escala, cada dia tem um grupo diferente da educadora e subdiretora no portão para receber as crianças, até o portão se fechar, mas acontece que quando o portão fecha, os pais entram pela secretaria para deixarem as crianças. Não tem muita corrida no momento da entrada porque como cada pai traz o seu filho com a pressa de ir para o trabalho são entregues no portão, para a irmã e a educadora. As crianças de quatro e cinco anos são crescidas e acostumadas com ambiente do Jardim, algumas ficam mais felizes chegando no Jardim e não fazem fila, porque chegam individualmente. Fazem as filas somente quando vão para suas salas e para almoçar. Cada idade faz uma fila para o caminho da sua sala, comportamento que apresentam a partir da sua chegada a escola. Algumas crianças de dois e três anos choram ao chegar, mas depois ficam mais com as educadoras enquanto as de quatro e cinco anos, já familiarizadas com o ambiente e as educadoras, brincam e correm de um lado para outro, empurrando os colegas. Nas suas mochilas trazem pães, sumo “suco” enlatados em pacotinhos, biscoito, bolos, bombom, e algumas chocolates. Também percebi que há mais meninos no jardim esse ano do que meninas.

Tem uniforme de Jardim que todas as crianças deveriam usar para vir para o Jardim, mas quando estive presente em todas as salas, não teve grande quantidade de crianças usando uniforme. Em algumas salas encontrei somente duas crianças com camisola. As crianças de dois e três anos são as que mais trazem roupas nas suas mochilas por causa das suas

necessidades e as dodot 'fraldas'. Já as crianças de quatro e cinco anos nem sempre trazem as roupas de casa para usarem no caso da emergência.

Neste dia fiquei na secretaria à espera da Irmã, quando ela terminou de receber as crianças me chamou para apresentar e mostrar a escola e as educadoras, começamos pela secretaria.

Pela secretaria e sua sala, que é um espaço muito pequeno, saímos e fomos para a biblioteca, que tinha os materiais didáticos para todos os níveis, os brinquedos e os livros, alguns livros com desenho animado de Barbie. Saímos e fomos para sala da Irmã, uma sala com uma mesa e armário com algumas caixas. Quando terminamos, passamos por uma área aberta que dava acesso às salas de aula, fomos para as salas de aulas, ela me mostrou as salas uma por uma, apresentado as educadoras que se encontravam nas suas respectivas salas de aulas com as crianças, saímos e fomos para um espaço onde preparam a comida. Então com isso posso afirmar que não me foi permitido acesso a todas as dependências da escola, tem parte que eu mesma na ausência da Irmã fui descobrir sozinha no caso do banheiro e refeitório das crianças e das educadoras.

### **Observação na sala das crianças de 5 anos no dia 27 de novembro**

O portão fecha às 8:20mn, todas as educadoras e crianças juntam-se e fazem o agradecimento a Deus por mais um dia, pela sua família, e depois cada criança entra na sua sala de acordo com a idade. Dentro da sala das crianças de 5 anos, as aulas começam com as canções e acolhimento entre turmas, depois calendário e chamada, sem plaquinha dos nomes. A professora tem o nome das crianças numa lista, mas a chamada é feita através dos nomes, chamam cada criança pelo seu nome, porque cada sala tem duas educadoras, uma faz chamada enquanto a outra arrumava as crianças para se sentarem. Fazem a organização das mesas em forma de retângulo onde cada criança fica uma de frente com a outra. A sala tinha um total de trinta e quatro (34) crianças, sendo quatorze (14) meninas e vinte (20) meninos, mas a turma tinha um número matriculado das crianças de 37 alunos por turma de 5 anos.

A sala está enfeitada com uma árvore e as folhas de papéis enfeitadas de cartolinas, e tinha fotos das crianças coladas nelas. Tinha uma árvore com as datas do aniversário de cada criança. Como estavam no período natalino, a sala está enfeitada com árvores de natal e alguns enfeites de Natal é colado o sino na porta de sala de aula. Dentro da sala tinha um espaço chamado casa, um espaço onde tinha tudo que se encontrava dentro de casa para que

as crianças possam familiarizar-se com o ambiente e ter conhecimento sobre os materiais/eletrodomésticos que se encontravam dentro da casa. Tem o mapa de presença com o nome de cada criança, dentro da sala tem um calendário diferente que tem os meses que eram representados por fruta, de acordo com o tempo dessa fruta e o mês, pois em Guiné-Bissau existe algumas frutas que somente em algumas épocas do ano são encontradas.

Depois do acolhimento feito dentro da sala, saíram para um espaço livre para ensaiarem, porque essa turma de 5 anos ficou com uma peça teatral sobre o natal para realizar. Como são crianças de cinco (5) anos, nesse ensaio cantaram e depois fizeram o ensaio da peça do nascimento do menino Jesus. Quando terminaram entraram de novo na sala, então, dividiram a sala em dois grupos, um grupo grande com 26 crianças para mesa grande e um grupinho de 8 crianças com a outra educadora na mesa pequena.

A língua portuguesa é obrigatória, mas as crianças falam crioulo em alguns momentos. A educadora principal ficou responsável pela mesa grande e ela entregou uma folha A4 para cada criança fizesse o desenho, as crianças da mesa grande fizeram desenhos de sino, e uma outro desenho com formato das suas mãos, e as crianças da mesa pequena estavam a construir a casa, carro, com uns instrumentos o outro grupo estava com a educadora auxiliar a fazer colares e pulseiras com as missangas. Não estão a realizar a mesma atividade, porque segundo a educadora como fazem várias atividades por dia, é uma dinâmica para que possam trabalhar, fazem isso sempre realizando as atividades. Perguntei o porquê da divisão das crianças nas atividades e se não podiam realizar as mesmas atividades mesmo estando em grupos diferentes. Ela me disse que essa é uma dinâmica que ela costuma fazer, porque depois de terem terminado as atividades as crianças mudam para as mesas diferentes para realizar as atividades. Segunda a educadora costumam vir apenas 32 alunos o resto das 5 crianças alguns/algumas estão fazendo tratamento na Europa. Na folha entregue pela educadora é para fazerem desenho livre, as crianças da mesa pequena estão a montar a quebra cabeça, as atividades começam às 08:50min e as 10: 00 horas, começa os lanches.

Quando saíram na sala para irem lanche, foram pegar as suas mochilas com lanches no armário, percebi que as crianças não tiveram momento da higienização, pegaram as mochilas e foram no pátio para lanche.

Para lancharem as crianças não lavaram as mãos, do jeito que saíram da sala foram pegar os lanches e começaram a comer no pátio. Perguntei para a educadora porque as crianças não foram comer no refeitório e ela me respondeu que o lanche sempre foi no pátio, pois o refeitório era somente para o almoço. Quando terminaram de comer foram devolver as mochilas e começaram a brincar, depois disso foram para a sala relaxar.

Quando são 11: horas a educadora chamou nove (9) crianças para irem para outra sala, porque estas crianças tinham aula de francês, e o restante das crianças ficaram dentro da sala e continuaram a fazer desenhos livres, cada criança desenhava o que queria. Mas como no começo das aulas tinha algumas crianças que estavam na mesa pequena houve uma troca, a criança que havia terminado o seu dever mudava para a mesa de quebra-cabeça e assim vice-versa. Quando terminaram umas estavam a brincar e as crianças que não tinham terminado continuaram a trabalhar. A educadora estava a organizar a sala para assistirem o filme (desenhos animados de Barbie), pois dentro da sala tem uma televisão.

Teve uma criança que do nada começou a bater na colega, com muita força. Ninguém sabia realmente o que estava a acontecer, a educadora chamou as duas crianças e depois colocou essa criança no cantinho do castigo, para ele pensar bem sobre o seu ato e sobre como deve tratar os colegas. Mas antes disso ela mandou essa criança pedir desculpa ao colega, ele pediu e ficou no canto do castigo. A outra criança chorou, a professora falou com ela e levou a para lavar a cara e voltou a trabalhar com os restantes dos colegas.

Ela colocou o desenho da Barbie para as crianças assistirem, e ela pegou nos cadernos das crianças para fazer correção dos trabalhos que tinham levado para casa. Os trabalhos que as crianças levaram para casa era atividade de português, que consistia em cópia de palavras simples e curtas, como por exemplo: mãe, pai, tio, tia e seus nomes e outras palavras. Mas no caderno às vezes levam atividade de matemática para realizarem em casa. Algumas crianças fizeram atividade em casa e outras não fizeram, voltaram com o caderno do mesmo jeito, outras crianças nem trouxeram caderno, a educadora disse que tem crianças que de hoje em diante não levarão o caderno para casa.

Se as crianças não levaram caderno para casa, não terão como realizar as atividades de casa, ela disse que passarão a realizar essas atividades na escola, junto com as atividades escolares, porque mesmo que levassem as atividades voltam no dia seguinte com as atividades do mesmo jeito. Portanto, as crianças que não fizeram passarão a fazer mais trabalho mesmo se for no tempo do intervalo.

Às 12h:00 min é o horário de almoço. A irmã responsável, a subdiretora, tem que ir para o mercado todos os dias, porque em Guiné-Bissau não temos costume de comprar alimentos congelados, consumimos alimentos naturais que vendem diariamente no mercado, tais como (legumes e carnes, peixes). Quando perguntei ela disse que só ia comprar arroz, óleo, massa, caldo de galinha, o resto das coisas de cozinha compram diariamente porque consomem mais produtos frescos e legumes.

Por ser um Jardim que muitos pais colocam seus filhos como sendo Jardim de referência, está faltando muita organização didática e ampliação dos métodos da realização das atividades. Para as crianças de 5 anos de idade, que chegam no jardim desde manhã, fazem pequenas atividades e passam muito tempo a dormir. Percebo que poderiam usar esse tempo para brincar, e momentos de história que não chegou acontecer. Percebe-se também que essas crianças precisavam realizar mais brincadeiras, tipos de interações entre si com as brincadeiras. As educadoras podiam aproveitar os espaços que se encontravam nas áreas livres fora da sala para que as crianças perceberem os elementos fora das salas, a natureza e o meio que os rodeia, permitindo-lhes uma nova visão que possam lhes trazer novos aprendizados.

As crianças fora da sala de aula podem perceber e aprender muitas e ter as influências para o seu desenvolvimento. Percebi que para muitas educadoras a sala de aulas é o único espaço que as crianças podem usar como meio para aprender, no entanto, boa parte das crianças não conhecem os espaços do Jardim como sendo um espaço onde passam seus dias durante toda a semana, essas salas são ventiladas com janelas abertas e luminosidade e não é um ambiente quente.

O Jardim Infantil Despertar apresenta um currículo mais voltado para o ensino europeu. Porque não trazer as realidades dessas crianças para se envolverem e possibilitar que as crianças possam conhecer e se familiarizar com o seu próprio meio social e familiar? Até porque seria mais interessante para uma criança guineense ter domínio sobre os conhecimentos do seu meio social, de seu lugar de convivência, permitindo-lhes novas descobertas com relação a sua cultura e sociedade em geral.

O brincar não pode ser separado das influências do mundo, pois não é uma atividade interna do indivíduo, mas é dotado de significação social. Para o autor a criança é um ser social e aprende a brincar. A brincadeira pressupõe uma aprendizagem social. “À criança não brinca numa ilha deserta. Ela brinca com as substâncias materiais e imateriais que lhe são propostas, ela brinca com o que tem na mão e com o que tem na cabeça. (NAVARRO, 2009, p. 212)

De acordo com Navarro (2009) a criança brinca envolvendo os materiais do seu meio social e utilizando o seu conhecimento para aperfeiçoar a brincadeira trazendo novas percepção das brincadeiras de acordo com o contexto social que ela se encontra. Da forma que a brincadeira está inserida no meio social que esta criança pertence torna-se subjetiva, podem ser demonstradas através dos jogos como sendo um acontecimento atingido através das suas revelações. Através das brincadeiras trazidas por esses jogos as crianças vão se revelar através das demonstrações trazidas por elas nas interações e relações. A autora mostra

também que às vezes a criança não brinca com os brinquedos que estão em sua volta, brincam através das imaginações trazidas por ela. Com essas duas formas de brincadeira que envolve as crianças, leva-nos em algum momento a pensar que a criança isolada não está a brincar, e que a criança que está a brincar é aquela que está com os brinquedos, mas muitas vezes a que está sozinha está brincando com a imaginação entre elas.

Entretanto os pais não criticam sobre a educação que o Jardim oferece, porque na Guiné-Bissau a educação está baseada em uma educação do modelo europeia, que todos nós estudamos sempre imitando a Europa, e também por ser um país modelo para muitos países do PALOP. A educação infantil deve ser pensada em todo território guineense principalmente nas escolas da educação infantil privadas, pois são as instituições que recebem mais crianças, e essas crianças todas são guineenses e negros/negras. Estudar os conteúdos da Europa e basear-se nas didáticas de modelo europeia, possibilita a perda do conhecimento sobre o seu meio social e o ambiente onde vive.

No dia 28 de novembro de 2018 cheguei pelas 7h: e 54min no Jardim. Peguei carona com meu tio, pois nesse dia almejava chegar mais cedo para observar se as mães também levavam as crianças para o Jardim. Mas nesse dia compareceu apenas uma parcela insuficiente das mulheres, sendo que algumas são as que trabalham nas casas dessas crianças, mas é mais frequente a presença masculina, para levar as crianças nas escolas, principalmente no Jardim. Cheguei e fiquei no portão observando como as crianças entravam, alguns pais deixavam as crianças no portão para entrarem sozinhos, já que a irmã e a educadora se encontravam ali no portão para recebe-las.

Então, o portão fecha às 8:20 min, todas as educadoras e crianças juntam-se e fazem o agradecimento a Deus por mais um dia, pela sua família, em seguida cada criança entra na sua sala de acordo com a idade. Após a acolhida coletiva, como de costume, todas as crianças fazem fila para entrarem nas salas. Na sala das crianças de 4 anos de idade existia 19 crianças, sendo 11 meninos e 7 meninas, basicamente principiaram a aula com uma roda cantando música de bom dia coleguinha, não fizeram chamada e nem trabalharam calendário, passaram mais tempo a brincar e cantar. Quanto terminaram sentaram na mesa, uma na frente da outra e começaram a pintar os materiais que iam colar na porta na sala para enfeite de natal. Cada criança pintou e cortou o seu papel e apresentou para que as educadoras pusessem as colas para poderem colar. As crianças que se atrasaram entraram no mesmo jeito pela secretaria, mas tem uma criança que chegou muito tarde, a mãe justificou que tinham levado a criança ao hospital por isso que teve demora, mas que ela já tinha dado a conhecer a irmã e a educadora do seu filho.

No início das atividades indaguei à educadora se ela poderia me ceder o plano da sua atividade para eu tirar as fotos, ela me garantiu que me daria mas acabou não dando. Segundo ela trabalham baseadas no plano de atividade semanal elaborado por elas com a orientação dado pela diocese de Bissau, mas não me mostrou o seu plano de atividade semanal. Quando concluíram as atividades, às 10h: 00min, foram pegar as mochilas e tinha uma criança que levou os doces, mas a educadora tomou, e disse que a irmã avisou os pais que as crianças não devem trazer mais os doces para Jardim, porque quando trazem os doces ficam comendo as guloseimas e não se interessam pela comida. Uma outra criança ouviu isso e pegou também os seus doces e deu para a educadora. Quando as crianças terminaram de lanche, pegou os doces e colocou de volta nas mochilas dessas duas crianças, para depois avisar as mães para jamais mandarem as crianças com os doces. Quando terminaram foram devolver as mochilas e começaram a brincar, mas quando foram pegar os lanches não lavaram as mãos, terminaram de brincar pelas 11h00, entraram na sala e continuaram com as pinturas, concluíram e foram arrumar os brinquedos e as 12 horas saíram para almoçar, fizeram uma fila para lavarem as mãos.

Terminaram de lavar as mãos e acomodaram cada criança no seu lugar no refeitório aguardando que as educadoras servissem o almoço. Mas nesse dia teve uma briga entre duas crianças e uma acabou caindo e teve um pequeno sangramento no lábio superior. A educadora pegou essa criança e levou para sala da diretora, fizeram curativos nele e levaram a outra criança também para conversar com a Irmã. Voltaram para comer, quando acabaram de comer saíram direto para sala para descansar não teve momento da higiene, e foram deitar, mas algumas não dormiram, outras dormiram e acordaram às 16 horas e começaram a arrumar as suas mochilas para aguardarem seus pais e suas mães.

Essa turma, por ser uma turma com menor número de aluno, o certo seria, uma realização das atividades mais organizadas, mas pareceu-me que as educadoras se preocupam mais com depois do almoço para que as crianças possam dormir, e depois irem para casa. Porque numa atividade que as crianças possam realizar durante uma manhã realizam essa pequena quantidade das atividades durante uma manhã e tarde, sem aproveitamento, passam mais tempo a brincar, porque para a maioria o Jardim da Infância é o espaço onde as crianças vão para brincar. No momento do recreio não organizam nenhuma brincadeira para as crianças brincarem, elas só ficam a correr de um lado para outro até a hora de entrar na sala de novo.

Se nos seus planos de atividades, as educadoras trouxessem as histórias da cultura guineense, cada uma delas abordasse um contexto do imaginário das crianças e permitisse

que cada criança desenvolvesse as suas habilidades e responsabilidades perante seus colegas, com relação às brincadeiras e atividades a serem desenvolvidas. Como os jogos dentro das realidades que essas crianças vivem, porque a maioria das crianças ali mesmo vivem muitas brincadeiras em casa que podem ser utilizadas dentro de Jardim.

### **Observação na sala das crianças de três anos**

No dia 29 de novembro de 2018 o estágio de observação aconteceu na sala das crianças de 3 anos. A sala de aulas das crianças estava enfeitada com um quadro colorido que tem as datas de nascimento com as fotos de algumas crianças. A educadora explicou que tem mães que ainda não entregaram as fotos das crianças para colocarem no quadro do aniversário, tem um ambiente para os brinquedos, e tem um número três colocado na parede de sala. Essa sala está mais vazia e espaçosa em relação a sala das crianças de 5 anos e a educadora me disse que nessa sala tinha 25 crianças, uma está no momento em Portugal a estudar. A sala tem duas educadoras igual as demais salas de aulas. Como as crianças chegavam por volta das 8h de manhã, e o portão fechou as 8h:20 min, teve ainda algumas crianças que não chegaram, mas depois os pais entraram com elas pela secretaria, quando as outras já se estavam em orações e acolhida, momento de agradecimento coletivo que acontece no pátio do Jardim, quando findaram. Foram para suas respectivas salas e começaram a acolhida e agradecimento dentro da sala, mas essas crianças que chegaram atrasadas, uma começou a chorar porque queria ir com o seu pai, mas a educadora foi recebê-la, e ficou com ele, o pai foi embora e deixou a criança com a educadora. Em seguida parou de chorar, a educadora disse que isso acontece quando as crianças se atrasam, porque se chegassem na hora prestam mais atenção nos coleguinhas e os pais saem sem que as crianças pequenas percebem.

Em seguida, todas as crianças foram sentar nas suas cadeiras com as suas mesas organizadas por quatro grupos de quatro crianças em cada mesa. Como a educadora tinha organizado que sentassem, simplesmente duas dessas crianças negaram se sentar e a educadora principal chamou-as para conversarem e acabaram por sentar, para partilharem com os colegas o que viram durante a sua vinda para escola, algumas disseram que viram carros, as que viram andando disseram que viram pessoas a irem para o trabalho, isso aconteceu durante 30 minutos e depois a educadora principal fez a chamada, chamando cada criança pelo seu nome com a folha dos nomes que ela tinha na mão. Em seguida juntou as

mesas e formou um único grupo e entregou a cada criança uma folha e pediu que cada criança colocasse a mão da tinta para colocar na folha. Estavam a trabalhar pinturas com formatos das mãos e dos pés, mas nesse dia somente as mãos, porque depois iam trabalhar sobre os pés, porque essa semana trabalham a direção, esquerda e direita. Mas a educadora disse que a mão direita era que fazia melhor os trabalhos que a esquerda não fazia muito bem, para que as crianças possam conhecer as direções. Quando deu 10h às crianças saíram para pegar as suas mochilas e foram para o pátio lanche.

Não momento do lanche as crianças se juntam todas, cada uma com a sua mochila. Essas crianças não lavaram as mãos e depois comeram, mas algumas nem sequer pegaram os pães, disseram que estavam sem fome a educadora tentou fazê-las comer, mas não adiantou. Algumas disseram que tinham comido em casa, permaneciam no pátio a brincar, quando brincavam as educadoras sempre ficavam por perto a ver para não se empurram uns aos outros. Quando deu às 11h00 entraram de novo e continuaram as atividades sobre a direção, concluíram muito cedo, e a educadora tirou as crianças no espaço livre para realizarem as atividades práticas da direção e fizeram essas atividades através das brincadeiras. Ela disse que às vezes as crianças aprendem brincando, ela colocou as crianças em fila na sua frente e começou pedindo que as crianças levantassem a mão esquerda e quem levantava a mão errada saia da brincadeira, mas por incrível que pareça, poucas crianças erraram na primeira, as duas eram uma menina e um menino, na segunda vez apenas um. Assim, por último, ficou apenas 5 crianças, e iniciaram todas novamente, interromperam quando são quase às 11h:35min, foram para sala descansar um pouco momento livre e depois fizeram uma fila para irem lavar as mãos e foram para o refeitório. As educadoras e as cozinheiras serviram a comida e comeram. Algumas não aceitaram e a educadora tinha que dar de comer a essas duas crianças que não queriam comer. Ela disse que parece que estão acostumadas a comer assim, que se ela não fizer assim não comem. Quando terminaram algumas lavaram as mãos e outras não e foram para as salas.

Quando terminaram de comer uma criança disse que não ia dormir sem a educadora e ficou aí esperando que educadora terminasse de comer para que possam ir juntas, ela parou de comer e foi colocar essa criança para dormir, mas ela voltou e ela ficou aí comendo com ela no colo. Quando ela terminou foram juntas para sala, porque a cama já está arrumada, e foram deitar, essas crianças dormiram às 13h30min até as 15h30min, todas as crianças acordaram, porque a professora disse que contaria uma história, mas acabou não contando porque as crianças preferiram jogar malhas amarelinhas e os meninos resolveram jogar bola e outras pularam a corda meninos e meninas. Quando são as 16h: 15min ela pediu que

parassem para descansarem, e arrumaram a sala e foram pegar as mochilas a esperar que os pais viessem para busca-las.

Com relação a essa sala as atividades acontecem individualmente, apenas quando cada grupo das crianças se encontravam dentro das suas salas, porque desde sua entrada no portão do Jardim, todas as atividades são feitas em coletivos e juntos todas as crianças com a exceção das crianças de dois anos por serem mais pequenos, fazem todos juntos e misturados. Essas crianças com três anos nem conseguem expressar em português muitas palavras, mas o que mais me chamou atenção é que mesmo na língua crioula, essas crianças não sabem bem expressar imagina na língua portuguesa, que nem as educadoras sabem expressar muito bem, assim torna muito confusa para uma criança de três anos aprender assim, num meio que valoriza mais o que a criança nem tem noção.

A Guiné-Bissau por ser um país plurilíngue com uma grande diversidade cultural e linguística. Apesar de sua pequena extensão do território, ali existem dezenas de grupos e subgrupos étnicos abundantemente heterogêneos, com suas culturas próprias”. Suas línguas, tradições e conhecimentos locais se diferenciam uma das outras. Em Guiné-Bissau as pessoas não falam frequentemente as suas línguas étnicas, especialmente no capital Bissau, as únicas que são faladas com frequência são: balantas, fulas, mandingas e Manjacos, no território nacional as mais faladas são essas 10 línguas étnicas que são: Fula, Balanta, Mandinga, Manjaco, Papel, Felupe, Beafada, Bijagó, Mancanha e Nalu. a língua para comunicação entre as populações é a língua crioula. Isto permite que muitas crianças desconhecem as línguas maternas dos pais, e passam aprender a se comunicar sobretudo em língua crioula conhecida como a língua primeira, a língua crioula, também é a língua que as crianças aprendem a falar primeira tendo e conta o meio que estão habitadas. As línguas étnicas são consideradas primeiras em algumas circunstâncias como no caso das crianças que vivem no meio rural com as suas famílias aprendem as línguas étnicas para socialização dentro da comunidade. Mas a obrigatoriedade da língua portuguesa tira da criança a autonomia de falar a língua crioula dentro da sala de aula, a língua crioula fica somente para ser falada em casa como a língua segunda das crianças.

Existem muitas outras línguas em Guiné-Bissau que não são faladas e já estão a desaparecer tanto nas zonas rurais quanta nas zonas urbanas, A língua crioula até nos anos de 2009 eram falados por 44,31% e o português 11,08% da população, guineense. (CÁ, V., 2007, p. 76).

As educadoras mostram um grande nível de preocupação com as crianças, dão carinho a essas crianças, para que a escola atinja os seus objetivos tem que ter um bom planejamento dos seus trabalhos pedagógicos, com isso quis dizer que todas que fazem parte

desse estabelecimento de ensino precisam traçar ou ter de um plano minuciosa. As metas a serem traçadas durante todo o ano letivo, assim como a melhor forma de desenvolvê-los. Com isso precisam trazer as atividades de acordo com a capacidades e nível das crianças, porque uma criança de três anos, deve mostrar a liberdade de brincar com os colegas a interações. O trabalho pedagógico tem grande importância.

Para organização do trabalho pedagógico precisa primeiro de construção de uma plataforma de trabalhos que apresentam os métodos que o ser ou fazer da educadora e as crianças, tendo em conta que o trabalho deve estar propositado ao desenvolvimento integral das crianças enquanto ser na construção do conhecimento, são dotados de capacidades e habilidades que torna admissível sua evolução cultural e social, dentro do espaço em que vivem como crianças. Deste modo as práticas pedagógicas propositadas para as crianças, precisam considerar suas realidades trazendo as manifestações culturais suas crenças religiosas, valores familiares e sociais, e a própria condição familiar e social de cada criança.

A criança não se compare a uma folha de papel branca, a criança é possuidora de conhecimentos adquiridos pelo senso comum, através dos meios de comunicação diferentes aos quais tem acesso, e, em benefício da curiosidade que a criança apresenta. Entretanto, a educadora precisa considerar o senso comum e aproveitá-lo como sendo assunto a ser explorado do repertório e, por conseguinte a ser acrescentado do conhecimento da criança”.

As educadoras necessitam de uma abordagem em seu plano de atividade do trabalho, onde todas as especificidades da educação infantil sejam eles os jogos, as histórias, as brincadeiras em espaços diferentes que não seja nas salas de aulas, estar atento as descobertas, para que possa atingir os objetivos propostos pela educação infantil, potencializando assim as habilidades e competências, para que as crianças possam através da influência mútua entre elas e a educadora, podendo assim explorar e conhecer o mundo que o circunda, aperfeiçoando conceitos novos e mostrando sua autonomia. A educadora, para trabalhar com suas crianças, necessitará encontrar-se precavido para propor conteúdos e atividades que lhes permitam aprender pela ação durante a sua estadia no Jardim.

### **Observação na turma das crianças de dois anos**

No dia 03 de dezembro de 2018 foi o último dia do estágio da observação, foi na turma das crianças de dois anos, depois da entrada igual aos outras crianças, orações e agradecimento aconteceram junto com outras crianças, mas essas crianças ficam mais à frente

em relação às outras crianças, mas pelo período de manhã passam mais tempo brincando, com alguns brinquedos, montagens de carrinhos dentro da turma, cubos numéricos e com letras, bonecos para meninos e bonecas para meninas e bolas coloridas e alguns brinquedos de montar, não tem muitos brinquedos disponibilizados para brincarem, os brinquedos que tem são poucas e só depois da atividades e recreio pelas 10h de manhã as crianças saíram para lanche e brincadeira, mas como ainda são muitos pequenos não comeram no pátio com as outras das crianças foram lavar as mãos e foram comer no refeitório, com orientações das educadoras, só quando terminaram e foram para o pátio brincar com as outras, mas por serem mais pequenos nem enturmaram bastante com as criança maiores, ficaram com as educadoras, algumas crianças de dois anos ainda fazem coco nas roupas, e dão muito trabalho segundo a educadora principal, quando terminaram as 11h voltaram para turma e continuaram com as canções, e as brincadeiras, quando chegou a hora do almoço, essas crianças saíram para almoçar às 11h: 30min, por serem mais pequenos e algumas ainda precisam ser dado de comer pelas educadoras, porque jogam mais comida no chão do que na boca, e quando terminaram e que as outras crianças saíram para comer. Sim elas estimulam as crianças a comerem sozinhas, apenas dão de comer quando não tem outra maneira de fazelas comerem, porque existem crianças que não aceitam de jeito nenhum, para não as deixarem sem comer.

Essas crianças lavaram as mãos e foram limpados com uma toalha que estava ao lado da lava louça, foram acompanhados pelas educadoras e as cozinheiras para o refeitório, e serviram para eles e ajudaram eles a comerem, mas algumas não aceitaram a comer mesmo com ajuda das educadoras quase não comeram nada, mas quando terminaram foram retirados do refeitório, e levados para serem limpados e algumas foram levadas para tomarem banho porque, estavam sujas quando comiam, e quando terminaram foram para sala descansar, as educadoras puseram as crianças para descansarem enquanto iam almoçar mas não deitaram saíram 5 crianças para fora, e 8 crianças, ficaram na sala mas não deitaram e dois deitaram.

Entretanto as duas educadoras chamaram as cozinheiras para ficarem com as crianças enquanto elas comiam, as crianças que ficaram na sala ficaram sobre cuidado da irmã, e os restantes que estão fora ficaram com as merendeiras, enquanto as educadoras comiam, quando terminaram pegaram as crianças e entraram para descansarem, quando acordaram às 15h começaram a fazer rabiscos com os lápis de cores nas frutas que as educadoras imprimiram, as frutas era: maçãs, peras, mangas e uvas. Essas frutas não são frutas comuns de Guiné-Bissau, a única fruta comum é manga as outras são frutas europeias. Quando terminaram de pintar já eram às 16h20min, terminaram e foram pegar as suas mochilas

aguardando que os pais viessem pega-las. E assim acabou as aulas quando os pais levaram todas as crianças.

Referente a esse dia, a minha observação, me fez perceber que para as crianças de dois anos, não tem muitas para se fazerem são apenas crianças de dois anos, não tem muito capacidade e habilidade para desenvolver muitas atividades, entendi também que por estarem ainda no creche, parece que as mães põem as crianças ali porque estão sem tempo de cuidar delas enquanto vão trabalhar, e as educadoras passam mais tempo com as crianças no colo, porque muitas crianças não aceitam sentar e nem ficar na mesa algumas já dormem quando chegam e outras choram muito, porque são crianças muito pequenas e algumas não sabem falar mais de duzentas palavras. E as crianças quando uma começa a chorar as outras começam e nessa sala tem três educadoras, para facilitar o trabalho.

Percebe-se que nesse sentido, a pesquisa que realizei apresenta alguns resultados das práticas pedagógicas em que a ludicidade se faz presente nos ambientes da contação de histórias e da música no cotidiano infantil, mesmo que em algumas situações constatadas na observação estas apesar não sejam práticas que acontecem diariamente nesses estabelecimentos escolares da educação infantil. Entretanto, além disso de apresentar os nossos resultados abordaremos, mesmo que sucintamente, a importância da música e dos contos de história atualizadas nas práticas pedagógicas na Educação Infantil. Ainda Mendes e Lustig reforçam que:

São lúdicas as atividades que propiciam a experiência completa do momento, associando o ato, o pensamento e o sentimento. A atividade lúdica pode ser uma brincadeira, um jogo ou qualquer outra atividade que vise proporcionar interação. Desta forma, na vivência de uma atividade lúdica a maneira como o ser humano interage, o jeito de agir, sentir e pensar o torna pleno em suas realizações. (MENDES, LUSTIG, CARLOS & OLIVEIRA, 2013, p. 02)

Com relação às frutas que colocaram muitas crianças fizeram rabiscos em todas as partes do papel, as pinturas tipo rabiscos, em uma forma de brincadeira, porque nem sabem pegar no lápis, era somente uma forma de brincarem com papel. Tem crianças que rasgaram as suas folhas umas molharam e deitaram fora, algumas nem tocaram na folha. Para crianças de três anos essa atividade não é adequada, seria muito bom uma atividade mais fácil, pois não estão ainda na altura de saber exatamente como pintar dentro das frutas, seria fácil trazer algumas atividades do tipo figuras redondas para rabiscarem somente dentro ou fora, mas não tinham capacidade de pintar somente dentro de uma fruta.

## Organização do espaço escolar

Os espaços de educação pré-escolar podem ser diversos, contudo, o equipamento, os materiais e a forma como estes estão dispostos condicionam o que as crianças podem fazer e aprender. No JID (Jardim Infantil Despertar) o espaço estará de acordo com o currículo High Scope que significa uma teoria de desenvolvimento e práticas educacionais baseado no desenvolvimento natural das crianças. As crianças nascem e durante essa fase que estão sujeitos a aprender a fazer e são sensíveis.

Podemos dizer ser um enfoque educativo orientado para o desenvolvimento da criança e da sua aprendizagem, integrando as perspectivas intelectual, social e emocional.

Áreas do acolhimento-local de reunião do grande grupo, aqui funcionam também os jogos de chão. Na roda é feita a reunião diária onde se conversa, resolvem-se problemas, trazem-se novidades, ouve-se histórias, músicas ou canta-se canções, etc. É também aqui se fazem o planeamento das atividades do dia. Também se faz o preenchimento dos quadros de presenças, tempo, tarefas, através dos quais se aprende a gerir a autonomia.

É uma escola católica com os seguintes caracteres:

- Cultivar a procura sincera e coerente da verdade, através da perfeição pessoal e do respeito pelo bem comum;
- Desenvolver espaços apropriados ao ensino-aprendizagem, propiciando o desenvolvimento das diferentes capacidades do ser humano através duma ação educativa de excelência;
- Criar comunidade em ambiente aberto e renovado, recusado qualquer tipo de preconceitos favorecendo atitudes de aceitação e atenção mútuas;
- Promover a inteligência especial orientada pelos valores da mensagem cristã;
- Escola Franciscana Hospitaleira Implementada em vários países do mundo, a (CONFHIC) congregação das irmãs Franciscana Hospitaleiras da Imaculada Conceição tem contribuído muito para a difusão dos valores humanos- evangélicos e culturais através de uma pedagogia própria, inspirada no exemplo de S. Francisco de Assis e no testemunho do menino Fundadores, Pe. Raimundo dos Anjos Beirão e Beata Maria Clara do menino Jesus. Consequente, entre o JID empenha-se na transmissão de valores evangélicos num clima de fraternidade e disponibilidade no serviço a todos, inspirando-se nos valores do amor, da Hospitalidade, da simplicidade, da alegria e do respeito pela natureza e por todas as crianças.

### 3.3 O projeto político pedagógico do Jardim Despertar

O trabalho pedagógico está organizado por níveis, as educadoras se reúnem por níveis para elaboração dos planos, anual, mensal e trimestral, mas para além disso tem uma cooperação com Ministério da Educação, que em maioria dos casos quando o Ministério não estiver na altura de repassar um plano para trabalharem em conformidade com as Jardins Públicas, o próprio jardim fica responsável de fazer seus planos de atividades letivos para trabalhar.

O jardim conta com apoio do a (FEC) Fundação Fé e Cooperação, que apoiam nos conteúdos curriculares, e avaliação.

*A avaliação dos trabalhos é feita por competência, comportamento, desenvolvimento física e a cognitivo. Fazem três reuniões por ano em cada período faz-se um reunião ordinárias com os pais e encarregados da educação das crianças, onde obrigatoriamente todas as educadoras têm obrigação de participar nessas reuniões, sob tutela da diocese, promove uma formação contínua, quanto tem necessidade, acolhimento-agradecer, rotina-cada nível, jardim recebe as crianças com necessidades especiais, inclusive tem duas crianças especiais, e não tem pessoas especializadas na área para trabalharem com essas crianças, mas as educadoras, elas mesma se responsabiliza por essas crianças. entrevistada Graciete 29/11/2018.*

De acordo a fala da coordenadora pedagógico e educadora 2018, selecionar estratégias de modo a responder à satisfação das necessidades da educação pré-escolar e fomentar a igualdade de oportunidades, proporcionar a criança momentos de bem-estar e de segurança, nomeadamente no âmbito da saúde individual e coletiva, proceder à despistagem de inadaptações, deficiências ou precocidade ou promover a melhoria orientação e encaminhamento da criança, incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efetiva colaboração com a comunidade, tornar o jardim de infância atrativo, dinâmico e gerador de mudança, performar a servir de marco de referência. A educação seja orientada para a cidadania e para a valorização do ato pedagógico, e à criança seja reconhecida importância e participação, permitir e facilitar o diagnóstico do jardim e estabelecer prioridades pedagógicas.

Analisando o projeto político pedagógico de um jardim onde todas as crianças que pertencem a esse meio são africanas, todos/todas de cor de pele negro, mas o projeto político pedagógico tem a foto das crianças brancas, mostra-se que próprio projeto não está fixada dentro da sociedade e padrão do meio que estas crianças pertencem.

Na fala da coordenadora das metodologias do trabalho, ela me explicou que este ano letivo para todos os grupos não irá de forma alguma assentar num único modelo curricular, será antes a harmonia entre várias metodologias. Desta forma podemos encontrar tanto na construção deste projeto curricular, como nas dinâmicas trabalhadas nas salas influências dos seguintes modelos modernos /metodológicos:

Movimento da escola moderna (MEM)

Metodologia de trabalho de projeto:

Antes destas metodologias vamos delinear formas de intervenção e de interação entre as crianças e os adultos. Passamos agora a identificação dos aspectos mais evidenciados por nós em cada um dos modelos/ metodologias:

### **Movimento da escola moderna**

Relativamente a escola moderna a educação seria uma necessidade sobretudo no ensino da primeira infância, que os programas e os métodos fossem ajustados para a psicologia da criança, o que quase não sucede em nenhuma parte, e principalmente no ensino privado. A pequena infância, necessita ter uma base sobre um apoio racional e não só. Os métodos modernos seria as atualizações dos conteúdos trabalhados no Jardim com as crianças.

A organização do ambiente educativo foi pensada de acordo com o MEM, onde toda a ação pressupõe uma negação e partilha entre todos, também os instrumentos de registo utilizados vão de encontro a esta metodologia de trabalho, como sejam:

Planificação semanal	Quadro de tarefas
Quadro mensal de presença	Quadro de regras
Quadro de registo de tempo	Quadro de aniversário

### **O Currículo Escolar no Jardim Infantil Despertar**

Neste tópico traremos o modelo do curricular usado pelo Jardim Infantil Despertar, neste modelo curricular vamos apoiar-nos muito na eleição que Piaget e Vygotsky (2001) faz na sua teoria de desenvolvimento à aprendizagem pela ação. Através da aprendizagem pela ação das crianças, onde constroem o conhecimento que ajuda a dar sentido ao mundo através

da vivência de experiência diretas e imediatas assim como da reflexão que fazem das mesmas. Desta forma é extremamente importante que seja valorizada sempre a ação da criança, o seu brincar social espontâneo, daí a importância do projeto curricular de grupo.

No ppp do Jardim, as áreas de interesse numa sala pré-escolar, a criança, através da sua ação, pode levar a cabo interações positivas quer entre pares, quer entre crianças e adultos. O processo planear-fazer-Rever assume aqui grande relevância no processo de aprendizagem e consolidação de conhecimento. O método High Scope permite que o adulto numa sala assume um papel de andaime através do qual a criança pode subir para chegar mais além, cabe por isso ao adulto o papel de observar e participar nas brincadeiras das crianças auxiliando-as a aproveitando a sua ação para a transmissão de conhecimento. Este currículo no tempo de trabalho de grande grupo adquire os contornos dos métodos de aprendizagem cooperativa. Ainda permite uma grande interação entre a criança e as educadoras, pois faz com que as educadoras não sejam apenas as que vão ensinar, mas sim as que compartilham com as crianças através dos conhecimentos diários no meio que estes estão inseridos.

Orientações curriculares para educação pré-escolar de acordo com as áreas de conteúdo das OCEPE (Orientações Curriculares para Educação Pré-escolar) passamos a descrever: atitudes, valores, conhecimentos e capacidades a promover, parta área de conteúdo, nas crianças:

Dos 3 aos 6 anos de idade: formação pessoal social pretende-se que as crianças:
Digam o seu nome completo, saibam o nome do pai, da mãe e dos irmãos
Saibam o seu sexo, saibam dizer a sua idade, indiquem a idade com os dedos
Conheçam e assinalem as partes principais e secundárias do corpo
Gostem de assumir pequenas responsabilidades
Abotoam os botões da roupa, vestem-se com pouca ajuda
Calçam os sapatos e tentam aperta-los
Comam sozinhas sem ajuda, usam convenientemente os talheres, utilizem os guardanapos, se sintam incomodadas quando estão sujas
Ajudem arrumar a sala de atividades, os rapazes fazem xixi de pé, lavem as mãos sem precisar de ajuda
Vão sozinhas à casa de banho
Tenham preferências por certos amigos
Emitem modelos adultos (pai, mãe, educadora)

Sejam capazes de ajudar os outros
Mostrem atitudes de aceitação e respeito para com os outros
Conheçam e apliquem as regras estabelecidas para a sala
Conheçam e apliquem as regras estabelecidas para a sala
Obedeçam ao adulto na maior parte das vezes
Façam uma análise crítica dos trabalhos dos colegas
Tenham capacidade de não gerar conflitos com os colegas
Gostem de ser líder entre os colegas
Emprestem os brinquedos
Participem nas conversas do grupo
Saibam lidar com os insucessos
Exprimem diferentes sentimentos consoante a situação
Tentem ajudar um colega que está triste
Reajam mal quando contrariada
Se sintam tímidas na presença de estranhos
Gostem e chamar atenção dos adultos

De acordo com a observação que fiz nesse estabelecimento escolar da educação infantil, percebi que as regras no seu todo não são cumpridas, tem algumas que só existem no papel, a verdade é que as crianças nessa idade aprendem a imitar muitas coisas dos adultos, a escola está basicamente baseada no currículo eurocêntrico, voltada totalmente ao ensino do Jardins europeias.

Mas sendo um Jardim situada num país africano o currículo deveria estar voltado a realidade vivida e vivenciadas pelas crianças que participam nesse espaço de aprendizagem. Só que os pais mesmo vendo esse currículo não questionam e nem se assustam por seus/suas filhos/filhas a serem ensinados através dos currículos eurocêntricos porque a educação guineense está baseada nos currículos eurocêntricos, e não se fazem críticas a esses currículos. Em todas as salas de aula que fiz observação, teve muitas brincadeiras ou atividades realizadas de acordo com os horários assim como as regras de convivências entre as crianças. Talvez se fosse criada pelas educadoras as janelas que lhe permitam trazer os conhecimentos do senso comum das crianças para dentro da sala de aula.

E o porquê de não serem as fotos das crianças do própria Jardim a estarem na capa do ppp do Jardim se todos são africanos negros, dependente da cor de pele mais podia ser as crianças do Jardim.

#### **4.Considerações Finais**

Para realização deste trabalho primeiramente temos que ter em mente o nosso verdadeiro objetivo e o que realmente pretendemos fazer para podermos chegar a um determinado objetivo, porque através das pesquisas feitas nas escolas e das análises feitos nos livros, com isso seremos capazes de construir um trabalho de conclusão de curso através das experiências e alguns trabalhos desenvolvidos na área da educação pelos autores conhecedores da área. E para que esse trabalho fosse realizado com êxito, fomos além das perspectivas que tínhamos com relação a isso tudo.

Durante esse tempo, o percurso feito para realizar esse trabalho de conclusão de curso, através das observações, e análises das bibliografias e pesquisas, por fim acabei descobrindo totalmente sobre a educação infantil na Guiné-Bissau e como a educação da pequena infância tem sido desenvolvida no âmbito de uma escola privada e também como o estado da Guiné-Bissau tem fracassado com relação a educação da pequena infância dando responsabilidade às instituições privadas.

Percebi que de acordo com LBE (Lei Base da Educação) não existe a obrigatoriedade da educação infantil na Guiné-Bissau, mostrando então que a escolarização da pequena infância depende da família, pois colocar as crianças nas escolas para terem uma educação inicial depende da possibilidade que a família tem, para que essa criança possa receber a primeira educação. Impossibilitando assim as classes pobres (humildes) de frequentar a escola com a idade dos 3 a 6 anos. A LBE não fala do currículo da educação infantil, fala somente do currículo da educação a partir dos 7 anos de idade.

Acreditamos que com o resultado dessa pesquisa, podemos mostrar como a educação infantil é importante para uma criança, e como o estado da Guiné-Bissau deveria se preocupar com as crianças com relação a educação infantil, pois é a primeira fase da escolarização e a criança precisa para um bom desenvolvimento cognitivo e motor. Tirando as responsabilidades da educação infantil das organizações privadas, cooperativas e das entidades religiosas.

Mostrar para as populações guineense que a educação da primeira infância é muito importante para as crianças é necessário que as crianças frequentam essa fase da escolarização e ajudar em maior parte na desconstrução de muitas mentes que até agora estão ainda precisando, é muito difícil, mas este trabalho pode ser muito significativo para ajudar nas sensibilizações as pessoas que se encontram nos interiores do país sobre a importância da escola na infância. Porque camadas juvenis dentro da cidade de Bissau e nas sociedades

que estão compostas pelos jovens conhecem e sabem da importância da escolarização na pequena infância.

Almejamos intensamente que este trabalho ajude na desconstrução de um país que necessita de uma boa educação da pequena infância que também abrange toda a sua população e faz com que muitas pessoas possam entender que a educação infantil, por ser uma fase inicial, precisa de construção de implementação das novas escolas sob autorização e responsabilidade do estado guineense.

Concluiu-se que a educação infantil, por ser a fase inicial do ensino, o estado guineense deve se preocupar, tendo isso como a sua primeira preocupação dentro do seu território, percebemos através das observações e pesquisas, mas espero que um dia o estado guineense torne possível o desejo da população através de uma educação para todos iniciando pelas crianças com objetivo de mudar essas sociedades começando na raiz assim sucessivamente até termos uma sociedades onde todos terão o direito de ir para escola que é sonho de todos/as.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; DE OLIVEIRA, Fabiana. A sociologia da infância no Brasil: uma área em construção. **Educação (UFSM)**, v. 1, n. 1, p. 39-52, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/1602/897>>. Acesso em: 31 jul. 2019.

AVELEIRA, Ana Paula Henriques. **Melhorar a educação de infância Na Guiné-Bissau**. Mestrado em Ativação do Desenvolvimento Psicológico (Dissertação) - Universidade de Aveiro, Departamento de Ciências da Educação, Portugal, 314 fls. 2006.

BÂ, Amadou Hampatê. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph. **História geral da África**. Metodologia e pré-história da África. Brasília: Unesco, 2010. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/345975/mod\\_forum/intro/hampate\\_ba\\_tradicao%20viva.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/345975/mod_forum/intro/hampate_ba_tradicao%20viva.pdf)

BARROCO, Sonia Mari Shima. **Fracasso escolar na Guiné-Bissau**: contribuições da educação e da psicologia brasileira. 37ª Reunião Nacional da ANPEd-04-08 de outubro de 2015. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/poster-gt20-4579.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2019.

BOTO, Carlota. A liturgia da escola moderna: saberes, valores, atitudes e exemplos. **Hist. Educ.** [Online] Porto Alegre v. 18 n. 44 Set./dez. 2014 p. 99-127. Disponível em: [https://www.seer.ufrgs.br/asphe/article/view/45765/pdf\\_31](https://www.seer.ufrgs.br/asphe/article/view/45765/pdf_31). Acesso em: 05 jul. 2019.

CÁ, Cristina Mandau Ocuni. **Formação feminina no internato de Bor (1933-2011) na Guiné-Bissau: reflexos na educação da sociedade guineense contemporânea**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Faculdade de Educação, Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, CE, 257 f., 2015.

CÁ, Lourenço Ocuni. **Perspectiva Histórica da Organização do sistema educacional da Guiné-Bissau**. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, SP, {s.n.}, 2005.

CÁ, Lourenço Ocuni. **Política educacional da Guiné-Bissau de 1957 a 1997**– Campinas, SP: [s.n], 1999. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, SP, {s.n.}, 1999.

CÁ, Virgínia José Baptista. **Língua e ensino em contexto de diversidade linguística e cultural: o caso de Guiné-Bissau**. Dissertação (Mestrado em Educação) - FAE - UFMG, Belo Horizonte, MG, 175 f., 2015.

DE ALENCAR MATOS, Kamila; RIBEIRO, Luis Távora Furtado. **EDUCAÇÃO INFANTIL EM GUINÉ-BISSAU E BRASIL: NARRATIVAS, MEMÓRIAS E CURRÍCULO**. s.n

LOPES, Luísa da Silva. **Lei de Bases da Sistema da Educativo da Guiné-Bissau: Uma análise do processo de construção política**. 2014. Tese de Doutorado. Tese de Mestrado. Tese em ciência da Educação. Universidade de Aveiro. Aveiro. Portugal.

LOPES, Luísa da Silva. **A Lei de Bases do Sistema Educativo da Guiné-Bissau: Uma análise do processo de construção política.** Mestrado em Ciências da Educação (Dissertação), Departamento de Educação, Portugal, 431 fls., 2014.

MENDES, Rosane Penha; LUSTING, Lemes Andréa; CARLOS, Bezera Rinalda; OLIVEIRA, de Izete Maria. **Práticas Pedagógicas Na Educação Infantil: Atividades Lúdicas Nos Espaços De Aprendizagens.** Grupo de Pesquisa: Contextos Educativos da Infância. Secretaria Municipal de Educação de Cáceres-MT, 2013. Disponível em: <<http://www.grupeci.fe.ufg.br/up/693/o/TR18.2.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2019.

MORGADO, José Carlos; SANTOS, Júlio; SILVA, Rui da. **Currículo, memória e fragilidades: contributos para (re) pensar a educação na Guiné-Bissau.** Configurações. Revista de sociologia, n. 17, p. 57-77, 2016.

NAVARRO, Mariana Stoeterau. **O brincar na educação infantil.** In: IX Congresso Nacional de Educação. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. Anais. Paraná. PUCPR, p. 2123-2137, 2009. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/2693\\_1263.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/2693_1263.pdf)

PALANGANA, Isilda Campaner. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky.** São Paulo: Summus Editorial, 2001.

PORTUGAL, Gabriela; AVELEIRA, Ana Paula. **Melhorando a educação de infância na Guiné-Bissau: numa dinâmica de formação, supervisão e avaliação.** **Contrapontos** - volume 7 - n. 2 - p. 407-423 - Itajaí, mai/ago 2007.

REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU. **Lei de Bases do Sistema Educativo da Guiné-Bissau (LBE)/** Ministério da Educação Nacional, Cultura, Ciência, Juventude e dos Desportos. s/d.